CONVERGÊNCIA

JULHO/AGOSTO 2008 • XLIII • nº 413

- "Ser ou não ser: o religioso do século XXI"
- Elementos de reflexão teológica em vista da inserção na caminhada dos empobrecidos e excluídos
- Vida Religiosa a serviço da vida
- Como dinamizar a formação diante da mudança de época?
- Pessoa e comunidade: desafios e convocações do personalismo contemporâneo
- O apóstolo Paulo: os três relatos de sua conversão

Sumário

Editorial

Vida consagrada, vida a serviço da Vida 409

Palavra da CRB

Dia da Vida Religiosa 414

Informes

Introdução à celebração da missa de 7º dia de Ana Roy 417
Pequeno histórico da *Rede "Um grito pela vida"* 420
Aconteceu! 2º Congresso Missionário do Brasil 423

Artigos

"Ser ou não ser: o religioso do século XXI". Simplicidade e pobreza – Carlos Palmes, sj 427

Elementos de reflexão teológica em vista da inserção na caminhada dos empobrecidos e excluídos – Cecília Sodero Pousa, csa 442

Vida Religiosa a serviço da vida – Antônio Aparecido da Silva, fdp 457

Como dinamizar a formação diante da mudança de época? – Moacir Casagrande, ofmcap 468

Pessoa e comunidade: desafios e convocações do personalismo contemporâneo – Cristiane Pieterzack, asf 490

O apóstolo Paulo: os três relatos de sua conversão – Agenor Girardi, msc 499

A ilustração da capa, de Irmão Anderson S. Pereira, msc, nos mostra a Cruz de Cristo sempre o horizonte e entrando em nosso mundo. Nossa resposta, associada à Encarnação, torna-se força geradora de vida e missão. Discípulas e discípulos de Jesus Cristo, precisamos da coragem de nos lançarmos e mergulhar em novas realidades, com renovada força e criativa fidelidade.

CONVERGÊNCIA
Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB
ISSN 0010-8162

DIRETORA RESPONSÁVEL
Ir. Márian Ambrósio, dp

REDATORA RESPONSÁVEL
Ir. Ires L. Pontim, fsp
MTb 10.764

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO
Coordenadora:
Ir. Márian Ambrósio, dp

Conselho editorial:
Ir. Aila Pinheiro de Andrade, nj
Pe. Francisco Taborda, sj
Pe. Jaldemir Vitório, sj
Pe. Cleto Caliman, sdb

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
SDS, Bloco H, n. 26, sala 507
Ed. Venâncio II
70393-900 - Brasília - DF
Tels.: (61) 3235-2991 / 3226-5540
Fax: (61) 3225-3409
E-mail: crb@crbnacional.org.br
www.crbnacional.org.br

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do PDF sob o n. P. 209/73

Projeto gráfico:
Manuel Rebelato Miramontes

Revisão:
Cirano Dias Pelin
Sandra Sinzato

Impressão:
Gráfica de Paulinas Editora

Os artigos assinados são de responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Assinatura anual para 2008: Brasil: R$ 84,00
Exterior: US$ 84,00 ou correspondente em R$ (reais)
Números avulsos: R$ 8,40 ou US$ 8,40

Vida Consagrada, vida a serviço da Vida

Antes de cumprir a tarefa de apontar para a riqueza de mais esta edição da revista *Convergência*, quero agradecer a Deus e às pessoas que me confiaram o privilégio de redigir, por algum tempo, o editorial que a introduz. Isto significa receber os textos, debruçar-me sobre eles, beber da riqueza desta fonte de "espiritualidade da Vida Consagrada". Sei que cada assinante, ao usufruir desta oportunidade, experimenta as mesmas alegrias e gratidão.

A *Convergência* de julho-agosto 2008 é um convite para vivenciar, com intensidade, o *Dia da Vida Consagrada*, em meio ao mês que convida toda a comunidade eclesial a refletir e rezar as *diferentes vocações* que determinam as "diferentes formas" de edificar a Igreja de Jesus Cristo.

Na página de abertura, irmã Bárbara Bucker, mc, integrante da Equipe Teológica da CRB-Nacional, nos motiva:

> O dia dedicado à Vida Religiosa coloca cada religioso, cada religiosa na vivência específica de um dia de ação de graças. A eles e a elas, por suas existência e dedicação, movidos sobretudo pelo mistério inefável da Trindade, que por seu Filho e seu Espírito o Pai nos diz quanto nos ama e como quer que nossa consagração seja um serviço ao mundo.

Padre Carlos Palmes, sj, enriquece esta edição com o artigo *Ser ou não ser: o religioso do século XXI. Simplicidade e pobreza.* Em nosso cotidiano de assessoria a tantas congregações religiosas, percebemos a constante busca por resgatar a identidade e o significado de nossa existência e

missão no mundo de hoje. É nessa direção que os vários enfoques apontados por padre Palmes nos conduzem. No coração do texto, a chave de entrada no processo de fé proposto surge nítida:

> A preocupação de viver pobremente com Cristo pobre não poderá se reduzir jamais a um regulamento que nos satisfaça, mas que nos levará a deixar-nos prender e inspirar cada vez mais pelo Cristo pobre. Nossa pobreza não tem sentido fora de um profundo amor pessoal a Jesus Cristo. [...] O que pode inspirar nosso modo de proceder evangélico não são os cálculos ou os propósitos de austeridade, mas a contemplação de Jesus na gruta de Belém, ter "degustado" a simplicidade de seu aniquilamento, tê-lo acompanhado no trabalho rude e silencioso de Nazaré, tê-lo olhado longamente na nudez da cruz.

Agradecemos a padre Palmes e à diretoria da CLAR a cedência do artigo, já publicado na *Revista CLAR* durante o ano de 2007.

A perspectiva de uma profunda reflexão em vista do dia da Vida Consagrada tem continuidade no texto de irmã Cecília Sodero Pousa, csa, *Elementos de reflexão teológica em vista da inserção na caminhada dos empobrecidos e excluídos.* Com uma linguagem que nos é muito conhecida e querida, a autora nos envolve, mais uma vez, no mistério da gratuidade infinita do Deus da vida e do amor. Voltamos a recordar que as prioridades da CRB-Nacional, durante o triênio que percorremos, nos remetem sempre de novo ao "serviço à vida". "Habitamos no Deus da vida, e o Deus da vida habita em nós. Ele é transcendência em todos os seres; é sustento à vida dos viventes e apelo ao respeito e à comunhão." Irmã Cecília desenvolve seu texto seguindo as pegadas de Jesus, o rosto vívido da ação de Deus a favor da vida. E nos provoca:

> Segundo as exigências do amor, situar nossa vida-missão na *inserção* junto aos mais necessitados consistirá em seguir com Jesus o caminho dos empobrecidos e sofredores e deixar-nos condu-

zir pelo Espírito, procurando abraçar os valores desse caminho, que se resumem no amor a Deus e no amor ao próximo

Na seqüência de nossos momentos de reflexão, o escrito de padre Toninho (Antônio Aparecido da Silva, fdp) *Vida Religiosa a serviço da vida.* O texto nos chega num momento em que "a cultura da morte" encontra espaço sempre maior em decisões da ordem sociopolítica em nosso país. "Os planejamentos elaborados pelos grandes centros de poder já não têm mais pudor em deixar de fora contingentes inteiros de pessoas que estão condenadas a morrer."

Padre Toninho nos recorda palavras do Magistério da Igreja e traz à luz o *Documento de Aparecida*: "Caminhos de vida, por sua vez, são aqueles abertos pela fé que conduzem à plenitude da vida em Cristo (*DA*, n. 13)".

A continuidade do artigo nos provoca a uma inserção sempre mais comprometida e articulada em espaços em que a vida se encontra ameaçada. Chama a nossa atenção a abrangência do tema: todo o universo clama por mais vida. Nossa resposta deve abrir-se ao sonho de vida para todos, em abundância, levando-nos a um engajamento na luta pelas causas do meio ambiente, de todas as formas de vida, dentre as quais a vida humana se encontra no coração do Deus da vida.

Os próximos dois artigos abordam temas de *formação.* Ao incluí-los nesta edição de *Convergência*, respondemos a outra prioridade da CRB-Nacional neste triênio: proporcionar a formadores(as) elementos de contribuição para a missão que lhes é confiada. Frei Moacir Casagrande, ofmcap, é autor do texto *Como dinamizar a formação diante da mudança de época?* E irmã *Cristiane Pieterzack*, asf, é autora do texto *Pessoa e comunidade: desafios e convocações do personalismo contemporâneo.*

Frei Moacir é enfático e convincente ao retomar os aspectos que nos desafiam diante da urgência de atualizarmos práticas de formação nesta mudança de época. Talvez não nos seja difícil refazer nossa programação... Por isso o autor nos provoca com a palavra *dinamizar*! "Quando se pede

para dinamizar algo, é porque se sente falta de vitalidade. Sente-se, no caso, que a formação não está correspondendo às exigências dos tempos atuais." E seguem as intuições que nos podem servir de indicadores:

> Formar para a vida não é a mesma coisa que formar para uma profissão. [...] Dinamizar não é só dar mobilidade, mas qualificar o movimento, [...]. A força dinamizadora é [...] desejo, sonho, objetivo e meta. [...] Dinamizar é ungir, lubrificar, dar asas, mas é também aprofundar, prospectar, fundamentar, construir bases [...].

Em cada parágrafo de continuidade de seu texto, frei Moacir oferece uma pista. O artigo proporciona não somente a chance de uma revisão pessoal de nossa atividade como formadores(as), mas um espaço especial para um trabalho em grupo, durante o qual a troca de experiências confirmará a novidade da proposta.

Irmã Cristiane nos apresenta um trabalho sistemático e profundo sobre os desafios para a formação de vocacionados(as), num momento em que as leis sob as quais vivemos colocam a economia e o mercado acima da pessoa e de seus projetos de vida cristã. Após uma análise da realidade que nos circunda, a autora propõe:

a) o primado da liberdade de consumo;

b) o primado do trabalho sobre o capital;

c) o primado da responsabilidade pessoal sobre a estrutura econômica;

d) o primado do serviço social sobre o lucro; e, finalmente,

e) o primado dos organismos sobre os mecanismos.

Ao citarmos seu texto como material para a *formação*, colocamo-nos diante de nossa missão profética, de denúncia dos projetos "do mundo" e de anúncio do "projeto de Jesus Cristo e de seu Reino".

Ainda, nesta edição de *Convergência* inicia-se uma seqüência de textos em comemoração ao Ano Paulino. Padre Agenor Girardi, msc, abre este espaço com o artigo *O apóstolo Paulo: os três relatos de sua conversão*. A leitura orante da Pa-

lavra de Deus constitui-se, para nós, religiosos e religiosas, sustento de nossa espiritualidade. É fascinante contemplar o mistério da iniciativa de Deus ao "tomar para si" uma pessoa que se tornará "instrumento seu para o mundo". Padre Agenor, além de proporcionar-nos um encontro pessoal com o "discípulo missionário" por excelência, indica-nos textos para nossos momentos de oração pessoal e comunitária.

Feliz Dia da Vida Consagrada!

Irmã Márian Ambrósio, dp
Presidente da CRB

Dia da Vida Religiosa

Celebramos anualmente, em "dias determinados", o significado das pessoas que enchem de sentido a nossa vida: dia do pai, dia da mãe, dia do professor, dia dos namorados etc. É lógico que também dediquemos um dia especial para celebrar o dia da Vida Religiosa (no terceiro domingo do mês de agosto). É uma maneira de aprofundar o sentido do cotidiano, sentido que aparece explícito ao se dedicar um dia anual para a celebração.

Tal celebração é, antes de tudo, um ato de gratidão à obra do Espírito Santo na Igreja. Dele nascem todos os carismas, e entre eles o da Vida Religiosa. Carisma que se expressa no desejo de querer garantir, por meio daqueles que aceitam a proposta, a presença amiga de Jesus na história da humanidade: Paixão por Cristo, paixão pela humanidade, no dizer do lema do Congresso Mundial da Vida Consagrada, realizado em 2004.

São João nos diz que Deus amou tanto o mundo que lhe enviou seu Filho para salvá-lo (Jo 3,16). A Vida Religiosa é uma expressão de como a pessoa de Jesus Cristo entra na nossa vida, atraindo todo o nosso ser para a causa de seu Reino.

Entre Jesus e cada pessoa consagrada para esse seguimento há uma íntima e profunda relação de amor que se expressa pela obediência, pela castidade e pela pobreza. Essa consagração que nos faz discípulos e discípulas de uma forma especial é, também, uma missão para o mundo, sobretudo para os pobres, os excluídos nas categorias deste mundo. Quantos hospitais, asilos, centros de atenção à infância e

juventude são fruto da dedicação de tantos religiosos e religiosas!

O Espírito nos "explica" o que Jesus nos disse. Tudo está dito, mas nem tudo está compreendido. É obra do Espírito que em cada época possamos descobrir a riqueza e a fecundidade dos dons do Senhor.

O dia dedicado à Vida Religiosa coloca cada religioso, cada religiosa na vivência específica de um dia de ação de graças. A eles e a elas, por sua existência e dedicação, movidos sobretudo pelo mistério inefável da Trindade, que por seu Filho e seu Espírito o Pai nos diz quanto nos ama e como quer que nossa consagração seja um serviço ao mundo.

Para cada um dos membros consagrados na Vida Religiosa tem de ser, além disso, um dia de verificação da própria consciência, de agradecer pela própria vocação, de querer reavivá-la e mantê-la sempre na tensão do serviço amoroso.

Teria de ser, também, um dia de celebração comunitária, porque o dom da vocação e da pertença a uma família religiosa é um dom de fraternidade para todos que nascemos da paternidade e da maternidade de Deus, não só para a vida neste mundo, mas, principalmente, para o modo particular de vivê-la. A graça de ser testemunhas do Amor.

É um dia, também, para pensar em nosso futuro e ir fascinando outras vocações que haverão de manter o carisma no mundo. Se, por um lado, olhamos para trás agradecidos daquilo que temos recebido, por outro olhamos para frente vendo quantas coisas Deus espera de nós no serviço fraterno.

Seguir Jesus Cristo nesta vida não pode ser questão cultural própria de tempos aquém dos avanços da tecnologia e da ciência, mas também de tempos de busca significativa do sentido da vida, quando ela se faz transparência de uma vida feliz que se realiza no serviço aos demais.

O dom do Espírito nos convida, a todos os consagrados na Vida Religiosa, a manifestar por nossa alegria e nossa fé que os bens do Espírito são os que dão sentido à vida humana. Vivemos em uma época em que a técnica criou maravilhosos aparelhos e nos fascina com sua eficácia. Não podemos

esquecer que a eficácia mais profunda é a do amor, que nos faz viver em comunhão, portanto jamais devemos usar as tecnologias para dividir, mas sim para unir as pessoas.

A missão de Jesus merece ser realizada, também, com a tecnologia moderna. Os jovens são sensíveis ao progresso técnico. Nós, religiosos e religiosas, devemos encaminhar-nos para o progresso ético que nos orienta, como seres humanos, a encontrar o sentido da vida na plenitude do Amor, que é Deus.

Irmã Bárbara Bucker, mc

Introdução à celebração da missa de 7º dia de Ana Roy

Boa noite, irmãs e irmãos!

Irmãs e irmãos da Vida Religiosa, irmãs e irmãos leigas(os), sacerdotes,

Ana amou a todas e todos vocês, todas e todos nós aqui presentes e muito mais neste grande Brasil, e por que não dizer, neste mundo!

Há nove anos, exatamente no dia 7 de maio de 1999, nós celebrávamos os cinqüenta anos de Vida Religiosa de Ana. Ela renovava seus votos. Foi lá no Assunção! Hoje, 7 de maio de 2008, estamos reunidas(os) ao redor de Jesus, que nos convoca para celebrarmos a sua Morte e Ressurreição e associar a Páscoa de Ana! É a Aliança definitiva!

No dia 30 de abril, às 11h15, Ana adormeceu sob o beijo de Deus. Ela nos deixou, depois de longos meses de doença. Longos meses de luta. Seu médico, querido por ela, Dr. Raimundo, dizia: "É uma guerreira!". E Ana repetia: "Quem tem câncer, tem de lutar!". Ela lutou.

"Tu me deste um corpo, eis-me aqui, ó Deus, para fazer a tua vontade."

Ao longo desses meses, quantas vezes Ana pegava a carne do seu corpo, que estava sumindo, e dizia: "Tu me deste um corpo, aonde vai?", porém não queria olhar-se no espelho! Doía demais! Mas o entregou a Deus, e é essa passagem de Ana para o Pai que queremos celebrar e agradecer nesse momento.

Ela foi mediação de Deus para muita gente. Era apaixonada por Jesus e seu povo, os pobres. Assim, apaixonou-se pelo povo brasileiro começando lá na favela do Rio de Ja-

neiro, em 1963, acolhida no porto por dom Helder Câmara. Alguns anos depois, ela veio para o Nordeste e nós sabemos a trajetória de Ana. A sua inserção no meio dos pobres e a sua releitura reflexiva deu-lhe autoridade para começar a falar para a Vida Religiosa e também para os leigos.

A Palavra de Deus foi sua grande "Paixão".

"A Palavra me tocou como um beijo de amor e de aliança", dizia Ana para o Simpósio Bíblico em São Paulo em 2006.

Convivi dez anos com Ana na inserção no meio do povo do sertão e fui testemunha de perto da sua vida de oração e do seu trabalho, tanto intelectual como manual. Nunca Ana começava um dia sem ter tido o seu momento sagrado com ele. Ela soube equilibrar o seu tempo entre leituras, aprofundamento da Palavra para preparar seus numerosos cursos, retiros, palestras etc. Tanto para o povo do sertão quanto para o mundo da Vida Religiosa, como também, mais tarde, em Valença e em Salvador, deu tempo para as(os) leigas(os), os casais principalmente. Nunca Ana foi dar um curso sem ter se preparado, e muito.

Nós conhecemos Ana com *óculos*: era necessário para ler a Bíblia, *preparar os cartazes*... Quantos cartazes ela não fez, quanta criatividade para a platéia poder compreender melhor e poder saborear... Óculos, para escrever seus cursos, seus livros. Durante sua doença, tivemos nós, as auxiliares, a graça de receber de Ana um *livro* escrito por ela a partir da *história da nossa fundadora*. Enfim, esses óculos serviram muito para Ana, que até poucas semanas ainda fazia tricô: quantos *sapatinhos* ela não fez para dar de presente a crianças recém-nascidas!

Um dos segredos de Ana na sua vida apostólica: ela nunca passava um dia sem ter feito pelo menos uma visita a alguém, mesmo quando devia dedicar muito tempo para preparar seus cursos.

Ana ainda teve um grande afeto pela Vida Religiosa Contemplativa: quer aqui no Brasil, quer na França, Ana visitava, dava conferências às irmãs carmelitas. Quanta ligação também com nossas irmãs beneditinas de Salvador! Quatro delas vieram ao seu enterro. E de manhã cedo, antes do

enterro, irmãs carmelitas vieram trazer um *buquê de rosas* que haviam sido abençoadas na véspera, como é costume! Obrigada, Vida Contemplativa!

Ana, irmã Ana, Ana Roy, Ana Roy, Aninha, Anne para seu médico, Anne Marie Louise Josephe Roy, seu estado civil francês! Todos esses nomes ressoam em nós: mas era uma só! A criatura querida do Pai... Sensível, carinhosa, carismática e mística, pequena mulher, mas grande mulher, santa e pecadora!

Poderíamos dizer ainda: Ana, um mistério!

Esses últimos meses foram de um grande combate, foram uma Sexta-Feira da Paixão, um Sábado Santo... Tempo de purificação? Provação? Também o foi para nós, suas irmãs, que a acompanhamos de perto!

Acompanhar Ana no final de sua vida, até o fim... Foi, para mim, para nós, suas irmãs, a possibilidade maior de sermos "aprendizes do amor". Viver como irmãs companheiras. Amar, "custe o que custar", para a maior glória de Deus!

Depois do combate, a libertação, a paz. Quando Ana estava agitada, uns dois dias antes de morrer, bastava dizer a ela: "Jesus está chegando", ou ainda: "Jesus, Jesus" e ela se acalmava! De vez em quando, fazia um sinal para dizer: "Sim, ele vem!"

Hoje, Ana está na luz da glória, ressuscitou com ele, por isso, nesta noite, queremos dar glória e louvor pela vida de Ana e por tudo o que aprendemos com ela, na certeza de que ela continua nos acompanhando no dia-a-dia!

Vamos agradecer a vida de Ana em comunhão com a nossa Congregação e com a família de Ana: hoje de tarde, em Paris, houve uma missa celebrada com a Congregação, a família e os seus amigos. Muita gente, no Brasil, celebrou ou celebra também nesse momento. É a Igreja celebrando.

Ana, "você adormeceu na paz, beijada pelo Deus da Palavra", como você dizia de Moisés.

Obrigada, Ana! Nós te amamos!

IRMÃ MARIE JÔ GROLLIER, AS

Pequeno histórico da Rede "Um grito pela vida"

3ª ETAPA DE FORMAÇÃO – SÃO PAULO – MAIO/2008

O programa de formação para religiosas sobre o tráfico de seres humanos é preparado pela Organização Internacional para as Migrações – OIM, financiado pela embaixada dos Estados Unidos junto à Santa Sé, em colaboração com a União Internacional das Superioras Maiores – UISG.

Durante o primeiro semestre de 2006, a UISG, através de irmã Bernadette Sangma, fma, coordenadora do projeto, entrou em contato com irmã Maris Bolzan, sds, então presidente da CRB-Nacional, solicitando ajuda e colaboração na organização e realização do evento em nível de Brasil.

A quem se destina o curso: às religiosas que trabalham ou que estão interessadas em ser envolvidas nas atividades em defesa da vida de mulheres e crianças vítimas do tráfico.

1ª etapa: aconteceu em São Paulo, na Casa de Encontros das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor, de 2 a 7 de outubro de 2006, contando com a presença de 34 religiosas de 20 institutos, vindas de 14 Estados, das cinco regiões do país: 1 religiosa representante do Sul, 1 do Norte e 1 do Centro-Oeste, 15 do Sudeste, 14 do Nordeste e 2 representantes da CRB-Nacional.

O curso foi assessorado por Stefano Volpicelli e Giulia Falzoi, educadores da OIM vindos da Itália. Contou também com a presença de irmã Franca Artini, missionária comboniana, representando a UISG; irmã Roseli Consoli do Prado, oblata do Santíssimo Redentor, solicitada para apoiar a Equipe de Formação no Brasil; e irmã Antonia Dal Mas, missionária da Imaculada, convidada como tradutora.

Objetivos desta etapa: obter maior informação e clareza sobre o tema e o que é possível fazer diante dele, trocar

experiências e ferramentas de trabalho e ver os pressupostos para a formação de uma *rede*.

Ao final do encontro, elaboramos pequenos planos de ação, por regiões, a serem impulsionados durante os meses que antecederam a segunda etapa do curso, em março de 2007.

2ª etapa: realizou-se de 28 de março a 1o de abril de 2007 em Salvador-BA. Contou com 29 participantes, sendo 4 novas que não participaram da 1ª etapa: 2 do estado de Santa Catarina, 1 do Paraguai e 1 leiga consagrada que atua contra o tráfico de órgãos.

Teve como objetivos: promover a tomada de consciência, partilhar informações sobre o tema e o que é possível fazer diante dele; organizar um trabalho preventivo e programas de assistência direta às vítimas; e formar uma *rede* que leve a uma ação no âmbito pastoral para combater a violação dos direitos humanos.

Nesse encontro compartilhamos o que foi feito a partir da participação na primeira etapa, ouvimos de cada participante o impacto que o curso provocou nesses seis meses e socializamos os trabalhos dos Regionais a partir do plano de ação elaborado no primeiro encontro. Levantamos, também, ações que podemos desenvolver conjuntamente, a partir de três áreas de atuação comuns: educação, mulheres, migração/trabalho escravo, e formalizamos a *Rede "Um grito pela vida"*, com quatro áreas de atuação: 1) informações, 2) suporte em ações interativas de prevenção, 3) divulgação/visibilidade/externa, e 4) proteção.

Definimos as responsáveis pela articulação do grupo até maio de 2008:

- Piauí: irmã Eurides Alves de Oliveira, Irmãs do Imaculado Coração de Maria
- Rio de Janeiro: irmã Glória Inês Caixeta, Missionárias do Sagrado Coração de Jesus
- São Paulo: irmã Maria Guadalupe Lara Briceno, Filhas de Maria Auxiliadora
- São Paulo: irmã Roseli Consoli do Prado, Oblatas do Santíssimo Redentor

Elaboramos um plano de ação da *Rede "Um grito pela vida"* – 2007-2008; uma moção à CRB-Nacional, na qual solicitamos que considere tal realidade como um desafio/área de fronteira para a Vida Religiosa do Brasil. E foi sugerido e acolhido que se incluísse essa temática nas linhas de ação da assembléia que aconteceu de 16 a 20 de julho de 2007.

Nesse período foram realizadas várias atividades:

- Com a Vida Religiosa: encontros, assembléias, seminários, grupos de reflexão nas Regionais; informações e sensibilização por meio de boletins, carta aberta, *folders*, vídeos, visitas etc.
- Com adolescentes, jovens e mulheres: ciclo de oficinas temáticas sobre tráfico, abuso e exploração sexual, violência intrafamiliar e gênero; encontros de formação, seminário para multiplicadores, caminhadas, debates sobre a Lei Maria da Penha, engajamento na luta por políticas públicas para juventude e mulheres.
- Elaboração e intercâmbio de material: apropriação do material; elaboração de material próprio: *folders*, camisetas, jogos educativos, textos etc.
- Parcerias: Polícia Federal, DRT, Pastoral do Migrante, Pastoral da Mulher Marginalizada, Winroc, Projeto Força Feminina, CEDECA, Sentinela, CHAME, Escritório contra o Tráfico.

Chegamos a este terceiro encontro com desejo de impulsionar, concretizar e estruturar mais nossa *Rede*, perfilando ações preventivas (no âmbito local), de assistência. E nossa ação direta enquanto *Rede*.

Nossa pequena *Rede* está, ainda, em sua fase embrionária, os brotos estão surgindo lentamente, há muitas ações e compromissos sendo assumidos na linha da prevenção, da luta por políticas públicas, formação, mas ainda carecemos de algo mais concreto na linha da intervenção às rotas do tráfico e de mais articulação.

Que Jesus de Nazaré continue dando-nos coragem e ousadia para prosseguir e assumir essa luta!

IRMÃ BERNADETE GASPAR, CIIC

Aconteceu!
2º Congresso Missionário do Brasil

Com o objetivo de animar e assumir nossa "natureza missionária", guiados sempre pelo Espírito a serviço do Reino, foi que Aparecida mais uma vez abriu os braços para acolher, nos dias 1º a 4 de maio, cerca de seiscentas pessoas vindas de várias partes do Brasil, representando os 17 Regionais da CNBB, os conselhos missionários, as forças e organismos missionários do Brasil, como também pessoas de outros países do continente, para, juntos, refletir nosso compromisso missionário a partir do tema *Do Brasil de batizados ao Brasil de discípulos missionários sem fronteira – ESCUTA, SEGUE E ANUNCIA.*

O Congresso ainda teve como finalidade a preparação para o CAM 3 – COMLA 8 que acontecerá em Quito, Equador, de 12 a 17 de agosto vindouro, do qual participarão cento e trinta delegados representando o Brasil.

Acolhidos(as) pelo abraço materno da Mãe Negra Aparecida, iniciamos nosso *encontro* no mesmo auditório onde aconteceu, em 2007, a V Conferência. Portanto, lugar simbólico para nós refletirmos nosso compromisso com a missão.

Com a ajuda de assessores, tivemos, no início do Congresso, três painéis temáticos.

No primeiro, com precisão e muita clareza, frei Santiago Ramirez convidou-nos a fazer *memória* do Concílio Vaticano II, resgatando, a partir da *Gaudium et spes* e de Medellín, na celebração de seus quarenta anos, a *Perspectiva ética da família humana universal*, lembrando-nos de que a "Igreja é para a humanidade, os pobres. Que no rosto dos pobres o

rosto de Jesus nos revela o PAI. É em Jesus humano que encontramos o dinamismo da missão". Esta é nossa identidade eclesial, que nos torna discípulos permanentes da missão.

Lembrou, ainda, que fazer memória da *Gaudium et spes* é adentrar na Igreja do Concílio Vaticano II e perceber o Espírito que se revela de forma concreta nos homens e mulheres de todos os tempos, com suas dores e seus sofrimentos.

Nosso segundo assessor, padre Agenor Brighenti, ajudou-nos a dar um mergulho profundo em Medellín ao recordar que a opção pelos pobres é a urgência da missão, e isso requer um novo posicionamento missionário, pois Medellín lança-nos o desafio de *assumir a pobreza solidária*.

Fechando esse bloco de reflexão, acolheu-se padre Paulo Suess, que trabalhou especificamente o tema do Congresso. Iniciou sua fala desafiando os congressistas a "caminhar com Aparecida além de Aparecida". Convidou, ainda, a perceber que o tema perpassa todo o *Documento de Aparecida* como uma grande convocação a todos os batizados para compreenderem que a missão "não é uma atividade missionária, mas ordinária e cotidiana". "Toda a Igreja é missionária" e a obra de evangelização é dever fundamental do Povo de Deus, que é missionário por natureza. Disse, ainda, que a missão, hoje, voltou ao coração da Igreja e ao centro da teologia. No entanto, só um mutirão missionário com horizonte macroecumênico permitirá falar de América Latina e Caribe como "continente de esperança" e de uma Igreja em estado de missão (*DA* 64, 522, 543 e 213).

O tripé realidade-conversão-transformação exige que os batizados assumam a vocação de uma missionariedade ecumenicamente militante e transformadora contra a "cultura de morte".

Quero destacar, ainda, outros momentos fortes do Congresso, que foram a partilha e o testemunho missionário de irmãos e irmãs nossos com experiências em Tefé-AM; Guiné-Conacri e Moçambique, África; Coréia do Sul e Timor Leste, Ásia.

Sentindo-nos profundamente envolvidos(as) por essa manhã de verdadeira unção, que nos remeteu mais uma vez ao texto bíblico do livro do Êxodo: "Tire as sandálias, pois o lugar onde pisa é sagrado". Sagrados são a vida, o chão, os sonhos, os direitos desses nossos irmãos, como também a vida doada desses(as) missionários(as). Nossa gratidão pelo testemunho autêntico de cada um(a).

Tocados por esses testemunhos e carregando em nosso coração missionário tudo o que ouvimos e vimos foi que partimos em grupos para um outro grande momento dentro do Congresso, os 12 "mutirões" de reflexão abordando vários temas relacionados à missão. Verdadeiros espaços de partilha, reflexão, comunhão e participação vividos em dois momentos: Em grupos temáticos, segundo o interesse dos participantes, e depois em plenário, com apresentação dos resultados dos trabalhos de forma muito criativa.

Dentre os temas quero destacar aqui aquele que toca de mais perto nosso ser consagrado: *Os consagrados e as consagradas como presença profética da Igreja missionária no meio de nós e nos confins do mundo.*

O grupo aponta três fortes eixos ou compromissos onde a VR deve firmar-se neste tempo tão acelerado e cheio de desafios:

1) O compromisso com a radicalidade no seguimento de Jesus Cristo e seu projeto, que envolve o encontro pessoal com ele e com a construção do Reino de Deus, assumindo o rosto pobre da Vida Consagrada inserida no meio dos pobres.
2) O compromisso de uma Igreja casa e escola de comunhão, que favoreça relações inclusivas e participativas no fazer e nas decisões.
3) O compromisso com a itinerância e presença em situações sociogeográficas em que o Evangelho ainda não é conhecido.

Sob o olhar e a bênção da Mãe Negra Aparecida, depois de ter tocado o mesmo chão que também foi marcado pela V Conferência, de onde nasceu o grito e o desafio para

assumirmos o Batismo como *discípulos(as) missionários(as)*, fomos *enviados* a retomar nosso caminho de discípulos(as) missionários(as) nos espaços onde atuamos com essa linda bênção, escrita por dom Erwin, bispo do Xingu-AM, a uma irmã que partia para a missão *ad gentes*:

> Vai, meu irmão, minha irmã! Lá, em tua nova missão, em tua nova terra, em tua nova pátria, anunciarás Jesus Cristo e o seu Evangelho, servirás aos pobres, aos excluídos do banquete da vida, lavando-lhes os pés. Falarás com quem nunca andou ou não anda mais conosco. Tu te aproximarás com muito carinho de um povo com cultura e tradições diferentes. Chegando lá, estranharás, sem dúvida, os costumes e usos locais. Mas não imporás as tuas idéias! Não apresentarás o país que te viu nascer como paraíso! Não dirás nunca que no lugar onde te criaste as coisas estão melhores!
>
> Não darás nunca a impressão de que vieste para ensinar, para civilizar, para instruir, para colonizar! Jamais violentarás a alma do povo que, doravante, será o teu povo! Oferecerás simplesmente o testemunho de tua fé, de tua esperança e de teu amor, e darás a tua vida até o fim, até as últimas conseqüências! Assim, tu terás o privilégio e a felicidade de viver a graça de todas as graças! Encontrarás o Senhor, que disse: "Depois que eu ressuscitar, irei à vossa frente para a Galiléia" (Mc 14,28). Missão é sempre ir à Galiléia, às galiléias de todos os continentes!
>
> Nossa Senhora Aparecida, de Nazaré, de Guadalupe e "de tantos nomes mais", te proteja sempre e em todos os lugares por onde andares!
>
> Agora, meu irmão, minha irmã, é hora de partir! Desata e enrola de uma vez a tua rede, pega a tua boroca ou mochila, despede-te de pai e mãe, da família, de quem te ama e a quem tu amas! E vai em frente! Vai em frente! Segue o teu caminho e não olha mais para trás!
>
> Todo mundo vai rezar por ti! Vai acender velas ao pé da santa! Vai com Deus! Vai com Deus! Amém! Amém!
>
> IRMÃ ANTÔNIA MENDES GOMES, NDC

"Ser ou não ser: o religioso do século XXI." Simplicidade e pobreza*

Carlos Palmes, sj**

Resumo: O espírito característico da Vida Religiosa são a simplicidade e a pobreza, que hoje, em alguns lugares, estão em perigo de extinção. Não é fácil encontrar a fórmula exata da pobreza. Não está nos extremos: nem em ter tudo nem em não ter nada. Está "no meio", isto é, no desprendimento interior e no fazer uso das coisas moderadamente, segundo as circunstâncias e o compromisso com os pobres. O segredo está em duas coisas: 1) na prolongada contemplação do Cristo pobre e humilde, que nos faz sentir a necessidade de identificar-nos com ele; e 2) no contato real com o pobre, que nos interpela, não nos permite viver em uma abundância escandalosa e nos leva a partilhar o que temos com os que não têm.

A imagem da Vida Religiosa

Ao nos encontrarmos pela primeira vez com uma pessoa, logo a classificamos segundo a imagem que apresenta: um intelectual, uma empregada doméstica, um mendigo, uma senhora da alta sociedade, um operário, uma pessoa de caráter autoritário ou meigo, amigável ou repulsivo... E, a partir dessa primeira impressão, julgamos todo o seu modo de ser e atuar.

Que imagem a Vida Religiosa na América Latina apresenta hoje? Como deveria ser, como desejaríamos que fosse? Certo é que a resposta de todos seria: "Que tenha sabor do Evangelho", que a VR seja um lugar no qual transpareça a fé, a simplicidade, a pobreza, a confiança, a fraternidade, a humildade, o amor. Jesus, continuamente, faz referência a

* N.E.: Há vários números padre Carlos Palmes, sj, compartilha valiosas reflexões sobre o ser ou não ser religioso no século XXI. Os quatro enfoques abordados nas publicações anteriores da *Revista CLAR* foram: "A experiência fundante" (n. 1, pp. 21-33,). "Vivência da fé e seguimento de Cristo" (n. 3, pp. 41-55, 2006). "A vida comunitária" (n. 4, pp. 45-58, 2006). "A missão evangelizadora" (n. 1, pp. 63-71, 2007). Esta quinta contribuição, traduzida por Aurea Marin Burocchi, foi publicada na *Revista CLAR – Inserción en la Vida Religiosa* n. 2, pp. 50-59, abril-junio 2007.

** **Carlos Palmes de Genover** está há 23 anos vinculado ao CLAR, tendo ocupado vários

esses valores como sendo os mais típicos do Evangelho, os que poderíamos chamar de "a infância espiritual" e que se sintetizam no Sermão da Montanha e nas bem-aventuranças. E está muito interessado em mostrar que quem vive esse espírito são os simples, os excluídos, um cego, um centurião, uma cananéia.

Isso não quer dizer que a nossa vida e o nosso apostolado se reduzam a obras de beneficência para com os mais abandonados. Temos de assumir também o trabalho com os intelectuais, com os jovens universitários, com as organizações pastorais ou sociais com o mesmo interesse e generosidade que com os pobres e marginalizados. Porém, em qualquer situação ou missão, o que deve ressaltar no(a) religioso(a) é "o homem ou a mulher de Deus", testemunhas do transcendente, desprendidos de tudo, que não vivem para si, mas para os outros.

Há muitos(as) que vivem assim, porém, lamentavelmente, há muitos(as) também em que o que ressalta é o(a) profissional, o(a) funcionário(a) eclesiástico, o(a) empresário(a), o(a) ativista, o(a) patrão(oa). E o que forma a opinião popular são as grandes obras educativas, sociais, paróquias famosas, habitações cômodas que superam o nível da maioria.

No Congresso Mundial da Vida Consagrada, realizado em Roma em novembro de 2004, elevaram-se vozes de todos os continentes lamentando a imagem de poder e superioridade que apresentamos,[1] enquanto a simplicidade, a austeridade, o amor ficam mais escondidos. Existem muitos, muitíssimos testemunhos admiráveis, porém, no conjunto da VC, chama mais a atenção a imagem do poder.

No conjunto dessa situação, no coração do espírito das bem-aventuranças, a palavra pobreza tem um papel definitivo: tanto a pobreza-austeridade pessoal e comunitária como a pobreza-solidariedade e opção pelos pobres.

Simplicidade e pobreza

O tema da pobreza é um dos que produzem maior insatisfação a uma grande parte de religiosos(as) de hoje e de todos os tempos, tanto na teoria como, particularmente, na

cargos e desempenhado diversas funções. Dedicou-se por 22 anos ao Curso de Formadores, em Cochabamba (Bolívia) e oito à Formação Permanente de Jesuítas em São Leopoldo-RS (Brasil). Atualmente, prega retiros em vários lugares do mundo.
E-mail do autor: cpalmes20@hotmail.com

1. Cf. PALMES, Carlos. *La vida religiosa en AL*. Madrid: Verbo Divino, 2005. p. 78.

práxis. O que indica que não é fácil encontrar "a fórmula" exata em cada caso. E é aí que se vão combinar uma série de elementos distintos e, às vezes, contraditórios, que mudam segundo as circunstâncias.

Por essa falta de clareza, a tentação de ir ao extremo do radicalismo absoluto sempre se apresentou: "não ter nada". Porém isso resulta inumano e impossível de ser vivido por muito tempo. Com mais prazer, tem-se preferido buscar a solução no outro extremo, "ter tudo", e, então, cai-se no emburguesamento e no relaxamento. E é interessante constatar que essas dúvidas e flutuações se deram ao longo da história e continuam acontecendo hoje também.

Já no século IV, quando teve início a VR, apesar de todos viverem em uma austeridade espantosa, alguns dos monges mais influentes achavam que a única forma autêntica de pobreza era a dos eremitas que não tinham nada: "O monge deve possuir aquilo que não pode perder ao morrer" (Astério). "O monge deve contentar-se com o estritamente necessário para alimentar-se e vestir-se" (são Jerônimo). "Os que alcançaram a verdadeira liberdade de espírito não precisam de armários onde guardar suas coisas nem têm por que temer os ladrões" (são João Crisóstomo).

Sem dúvida a vida foi mostrando que não são os extremos, mas a "justa pobreza", a mais conveniente, quer dizer: a daqueles monges que viviam de seu trabalho e dedicavam o resto do tempo às ocupações espirituais próprias do monge (A. Nilo). O que todos recusavam era que, sob o pretexto de alimentação, fossem mantidas imensas propriedades e numerosos rebanhos.[2] Ao longo da Idade Média, pode-se afirmar que, quando a VR viveu com radicalismo a pobreza, floresceu, e, quando começou a acumular bens materiais, veio o relaxamento e a ruína. Entre os muitos casos está o da Ordem de Cluny, que nasceu no século X com grande fervor e austeridade.

No século XII, chegaram a ter dois mil mosteiros repletos de monges, porém a abundância de riquezas tornou possível que cada monge pudesse ter um criado pessoal a seu serviço. Em pouco tempo a Ordem morreu de morte natural. E no

2. COLOMBAS, García M. El monacato primitivo. 2. ed. Madrid: BAC, 1998.

século XII surgiu a Ordem Militar dos Templários, porém logo a seguir cada monge "vivia como um rei". O papa os extinguiu porque eram um escândalo para a cristandade. São Bernardo clamava contra os monges que construíam templos suntuosos:

> Pobres de Jesus Cristo, me digam, se há pobres de todos os modos, para que serve o ouro de suas igrejas? A Igreja reluz em seus muros, porém apresenta-se necessitada em seus pobres; revestida de ouro em suas pedras, mas seus filhos estão abandonados em sua nudez. Satisfaz aos olhos dos ricos às custas dos pobres.

No século XIII, foram fundadas as Ordens Mendicantes, com o carisma da radical pobreza evangélica, dentro de todo um movimento pauperista da Igreja. Entre eles, os franciscanos e os dominicanos iniciaram uma nova época de florescimento eclesial.

Nossa situação hoje

Hoje, a maior parte dos institutos religiosos sente-se incomodada ao revisar seu nível de vida porque há mais dois elementos que dificultam viver na simplicidade e na austeridade desejadas: 1) A prosperidade material de todos os povos ou de uma parte da sociedade, mesmo nos países pobres. 2) O estilo das obras apostólicas nas quais muitos(as) estão empenhados(as) e que supõem a posse de instrumentos caros e meios econômicos abundantes.

1) O progresso material é um grande bem para a humanidade, porém também é um grande incentivo para a ambição desmedida. Os(as) religiosos(as) também participam dos progressos da sociedade. Poder-se-ia classificar a maior parte como de "classe média baixa" e, alguns, de "classe média alta". Geralmente, têm um nível de vida modesto e confortável. Em parte isso se deve — e nisto oferecem um modelo e um estímulo à sociedade — à renúncia à propriedade privada para colocar tudo em comum, e em parte à austeridade e boa administração que fazem dos bens.

Porém, por mais simples que seja a vida dos religiosos, ela contrasta com a pobreza e a miséria de muitos que vivem ao redor deles. Por isso alguns se perguntam: será que temos que viver com as mesmas necessidades "indignas de pessoas humanas" de nossos vizinhos, ou é melhor lutar e acompanhá-los para que eles também alcancem um nível de vida melhor?

> Não se trata de experimentar sentimentos de culpa (ainda que senti-los não faça mal de vez em quando), mas de tomar consciência, de modo vital, que nosso estilo de vida não está no caminho do Evangelho. Dá a impressão de que queremos "caminhar na procissão e tocar os sinos ao mesmo tempo".[3]

2) A causa das maiores dúvidas, porém, são as obras "apostólicas" que alguns(mas) mantêm. Por exemplo: colégios, hospitais, organizações sociais, paróquias em centros urbanos. Também são causas de dúvidas a dedicação às classes média e alta, aos intelectuais, aos profissionais ou comerciantes etc. e o correspondente estilo de vida comunitária. Dúvidas sobre os meios utilizados: comodidades, aparelhos eletrônicos, viagens...

   Em todos estes casos aparece clara a opção pelos pobres? Que temos de ter os instrumentos necessários para um apostolado eficiente não existe dúvida, porém não se poderia evitar parecer ricos como os ricos e os poderosos? Será necessário manter sempre uma tensão "entre a eficácia do apostolado e o testemunho da pobreza evangélica". Este é um problema particularmente difícil, que exige discernimento comunitário (Kolvenbach).

Não podemos fugir de um mundo tão complicado e globalizado no plano econômico, mas não é lícito sonhar com nostalgia com o que foi o primeiro momento nas fundações de boa parte dos institutos religiosos. Penso que Inácio de Loyola e seus companheiros, fundadores da Companhia de Jesus, no dia em que fizeram seus votos em Montmartre (1544), celebraram com grande alegria com um lanche de pão e água. E que se hospedaram nos hospitais com os

3. CATALÁ, Toni. Col. Frontera, n. 18, p. 47.

pobres e que pediam esmolas para sustentar-se. Claro que, logo, quando começaram a aumentar as vocações e tiveram de organizar-se em casas e províncias, já não puderam viver uma pobreza tão idílica. Porém, para Inácio, a pobreza nunca deixou de ser uma das principais preocupações.

Hoje, é grande a mudança estrutural que nos deixa desconcertados no que se refere à pobreza religiosa: o progresso material exorbitante de setores da sociedade e de nações inteiras. O fato de ter obras apostólicas que requerem a manipulação de muito dinheiro tornou mais difícil, para o religioso, encontrar o justo meio entre a abundância e a carência, entre a competência profissional e a austeridade e simplicidade.

Por outro lado, o crescimento escandaloso da pobreza e da miséria no mundo inteiro nos últimos anos — ao mesmo tempo que crescia a riqueza dos ricos —, mostra que as políticas econômicas impostas pelos poderosos (Fundo Monetário Internacional, Banco Mundial) foram catastróficas. E isso interpela dramaticamente quem professou a opção pelos pobres. Que fazer? Primeiro, ter idéias claras sobre a pobreza que podemos e devemos viver. Segundo, assumir as atitudes correspondentes.

Ter idéias claras

Os autores diferem no conceito de pobreza, de acordo com o critério do qual partem: não é fácil ter idéias claras sobre o modo como temos de viver a pobreza, hoje no nosso contexto de pobreza injusta e institucionalizada. As coisas não podem ser simplificadas, tampouco podemos eliminar todo meio de provocação de modo que qualquer maneira de proceder seja justificada. Tentarei abordar este trabalho sobre pobreza na sua dupla dimensão: pessoal e social.

Antinomia da pobreza

Ao abordar o tema da pobreza, falamos com uma aparente contradição: por um lado, dizemos que é preciso ajudar o ser humano a libertar-se da pobreza por ser uma situação indigna da pessoa humana. Ou seja: consideramos a po-

breza como um mal. Por outro lado, Jesus convida os seus seguidores a desapegarem-se de seus bens e a viver em pobreza. Isso quer dizer que a pobreza é considerada como um bem.

O *Documento de Puebla* (cf. 1148-1152) também distingue entre uma pobreza que "é expressão de privação e marginalização da qual devemos nos livrar" e a "pobreza evangélica" que Jesus proclama como bem-aventurança. Esta segunda consiste em usar dos bens deste mundo sem absolutizá-los. É uma atitude de abertura confiante em Deus aliada a uma vida simples, sóbria e austera, com comunicação e participação dos bens materiais e espirituais.

A pergunta óbvia é: a pobreza é um bem a ser procurado ou é um mal do qual se libertar?

Santo Tomás nos dá a resposta (*Suma teológica*, 1a, 2ae, q. 64). Ele distingue entre as virtudes teologais e as morais. As teologais se referem ao fim que é Deus. Todos temos de tender ao último fim e, quanto mais o fizermos, melhor. Nunca vamos crer excessivamente, nem esperar, nem amá-lo mais que o devido. Ao contrário, as virtudes morais se referem aos meios e regulam o uso dos meios para se alcançar o fim. Portanto, têm de ser usados segundo as circunstâncias que mudam. Por isso a razão precisa intervir para o devido uso dos meios em tais circunstâncias: "O bem da virtude moral consiste na adequação na medida da razão e o mesmo vale para o meio" (q. 16, a.1).

Apliquemos isso à pobreza. A pobreza, como virtude moral, consistirá em usar moderadamente, retamente, os bens da terra. Então, a pobreza será um mal quando se carece dos bens indispensáveis para a vida humana. É a miséria. E temos de liberar-nos desse mal para chegar ao justo meio, que é o uso moderado dos bens. E para quem tem mais bens do que os necessários, o Senhor lança o convite para que se desapegue do excesso e o reparta entre os que não têm. Para que a pobreza seja "evangélica", é necessário, além do uso moderado, que a motivação para desapegar-se seja o amor e a seqüela do Cristo pobre.

O "justo meio" de santo Tomás é o que nos cria todas as dúvidas de consciência. Não é fácil encontrá-lo porque depende de muitos fatores que têm de integrar-se e combinar-se proporcionalmente. Os mesmos que tentam aclamar o conceito de pobreza oferecem diferentes descrições de acordo com os critérios diferentes dos quais partem:

- "Pobres são os que precisam dos bens considerados necessários para a satisfação das necessidades mais elementares da vida humana: comida, habitação, roupa, saúde, instrução ou educação" (Julio Lois).
- "Entende-se que a expressão pobre se refere àquelas pessoas, famílias e grupos de pessoas, cujos recursos materiais, culturais e sociais são tão limitados que os excluem do nível mínimo de vida aceitável nos Estados-membros em que vivem" (Conselho de Ministros da Comunidade Econômica Européia).
- "Pobres são as pessoas de um determinado país cuja renda é inferior à metade da média por habitante existente nesse mesmo país" (*Caritas* espanhola).
- Outros distinguem entre pobreza "severa" (que inclui a extrema e a grave) e pobreza "moderada" ou "precariedade social" (Fundação Foessa e *Caritas* de Madri).
- Nas Escrituras, designa-se o pobre como "indigente, frágil, encurvado, miserável". São termos que refletem uma situação humana degradada. Produz indignação e é causada pela injustiça dos opressores (Gustavo Gutiérrez, *Teologia da libertação*, pp. 326-327).[4]

Em todas essas descrições aparece a dificuldade de se ter uma definição clara e uniforme.

Dificuldades de soluções práticas

Muito mais difícil resulta aplicar este "justo meio" à vida prática. Com freqüência nos encontramos em uma nebulosa da qual nos custa sair. É que o conceito de pobreza é escorregadio e não é possível chegar a uma fórmula definitiva. Tampouco podemos refugiar-nos vivendo a pobreza exatamente como a viveu o(a) fundador(a), porque, se ele vivesse agora, faria de modo diferente.

4. LOIS, Julio. Los pobres, un desafío para la VR. Col. Frontera, n. 17, pp. 42-50.

A razão da dificuldade é que a pobreza depende de uma série de elementos que mudam. Daí que — como disse K. Rahner — não podemos esperar

> nenhuma resposta que seja teologicamente satisfatória de verdade sobre o sentido religioso, sua essência teológica, sua motivação religiosa, pois o conceito de pobreza nem é claro, nem é fácil, que o seja porque não abrangemos a realidade concreta da economia de hoje em sua essência e nas tendências de seu desenvolvimento.

Efetivamente, entram na pobreza uma série de elementos mutáveis:

- A situação econômica e o nível de vida de um país: não é o mesmo o nível de vida dos(as) religiosos(as) na Alemanha ou nos Estados Unidos daquele dos(as) no Haiti ou na Bolívia.
- As necessidades da pessoa: biológicas (comida, medicina); psicológicas (limpeza, descanso); culturais (livros, cursos).
- As exigências da vocação apostólica para um apostolado eficiente. É claro que é necessário evitar os extremos, como seria não ter nenhum meio para dar testemunho evangélico, ou, contrariamente, ter tantos recursos e levar um estilo de vida que escandalize os pobres.

Com isso já se vê que é impossível encontrar uma fórmula universal para viver a pobreza. Se pararmos nessa etapa do processo, sempre nos sentiremos inseguros(as) e cairemos na casuística: se podemos ou não ter um jeep, ou dois; se temos de gastar ou não em novas construções... Em toda a história pós-conciliar, sempre que se inventou algo novo os(as) religiosos(as) tivemos dúvidas e discussões entre duas posturas: os que diziam que tinham de adquirir de imediato e os que diziam que não. Geralmente, a solução foi esperar que o objeto se tornasse de uso comum e, então, usá-lo já não nos colocaria entre os ricos.

Isso aconteceu com a mudança dos relógios de bolso pelos de pulso, com a passagem do tinteiro e pena ao uso da

caneta estilográfica, e da estilográfica à caneta esferográfica, da escritura a mão à máquina de escrever, da tina à pia, do chuveiro e banheiro comunitários a privativos. Sobretudo, à aquisição de aparelhos eletrônicos, TV, computadores etc.

Precisamos ir ao fundo da questão e ter critérios de ação. Aqui aparece a necessidade de fazer um discernimento para encontrar em cada caso o que é mais conforme à vontade de Deus. Não é possível fazer isso apoiando-se em critérios puramente humanos; é preciso olhar a partir da perspectiva do Evangelho e da nossa vocação religiosa. O discernimento não se faz entre o bom e o mau. É claro que sempre temos de escolher o bom, porém para isto basta a moral. O discernimento se faz só entre o bom e o melhor para escolher sempre o melhor na ordem da salvação, que é onde está a vontade de Deus.

Critérios de ação

Nem no nível teórico nem menos ainda no prático podemos encontrar a solução. No meu parecer, só teremos uma garantia de acerto em uma dupla experiência transformadora:

1) De um lado, a contemplação do Cristo pobre. Esta é a chave para conseguir a atitude interior de "pobreza espiritual" que nos fará viver desapegados de tudo e de nós mesmos. O que pode inspirar nosso modo de proceder evangélico não são os cálculos ou os propósitos de austeridade, mas a contemplação de Jesus na gruta de Belém, ter "degustado" a simplicidade de seu aniquilamento, tê-lo acompanhado no trabalho rude e silencioso de Nazaré, tê-lo olhado longamente na nudez da cruz. Então, vai crescendo o amor a ele e vai-se sentindo a necessidade imperiosa de identificar-se com ele. Existem muitos que, como Jesus, podendo ter uma série de vantagens, despojaram-se de tudo para segui-lo (Fl 2,6-8). Porém, mais do que partilhar o que temos, propondo-nos a não possuir nada, trata-se, sobretudo, de partilhar o nosso coração (Kolvenbach, sj).

> A preocupação de viver pobremente com Cristo pobre não poderá se reduzir jamais a um regulamento que nos satisfaça, mas que nos levará a deixar-nos prender e inspirar cada vez mais pelo Cristo pobre. Nossa pobreza não tem sentido fora de um profundo amor pessoal a Jesus Cristo. E este amor implica o amor ao Cristo pobre. Exige um esforço contínuo, que inclui a contemplação dos mistérios de Cristo, Deus dos pobres, Deus pobre.[5]

2) Por outro lado, é necessário pôr-se em contato real com os pobres. Ou de um modo habitual, vivendo no meio deles em um meio popular, ou, ao menos esporadicamente, indo ao seu encontro em algumas ocasiões. Eles, sem falar, nos interpelam e nos impedem de ter uma vida luxuosa ofensiva para com os pobres. Então, sentimos vergonha de criar problemas por certas privações ou por coisas supérfluas quando eles estão lutando pela sobrevivência.

Vale a pena desenvolver estes dois aspectos-chave sem os quais todas as outras considerações perdem consistência.

Os aspectos-chave da pobreza evangélica

A contemplação do Cristo pobre

A pobreza evangélica brota de uma profunda experiência de Deus, não de um propósito voluntarista nem de um simples sentimento de culpa. Ela procede de uma experiência transformadora que toca a pessoa no mais profundo de seu ser. Não gostaria de deixar este ponto somente indicado, pois considero que estamos chegando à explicação última da pobreza evangélica. Vale a pena deter-nos, porque a vivência habitual desta experiência é a que distingue "o homem ou a mulher de oração".

Quando se busca o sentido da VR e a explicação desta "loucura" de entregar a vida gratuitamente a Deus e aos irmãos, descobre-se, como motivação última e definitiva, um amor apaixonado que nasceu do contato íntimo com Deus.

5. KOLVENBACH. *Carta sobre pobreza.* 2005.

Não são suficientes as motivações sociológicas ou antropológicas, é necessário ter experimentado o amor gratuito de Deus que acendeu um fogo interior que exige que se deixe tudo para seguir Cristo incondicionalmente.

Somente do ponto de vista da fé e do amor à pessoa de Cristo o voto de pobreza encontra uma explicação. Deixa-se um bem visível por outro invisível, um bem presente por outro futuro, conhecido somente à luz da fé. Sobretudo, é o amor a Jesus Cristo o que me leva a segui-lo, despojado de tudo e alegremente. É o resultado de uma vida de oração contemplativa, capaz de conquistar o coração e a vida toda.

A oração pessoal conduz a uma relação de intimidade com o Senhor e a um compromisso real com o irmão. É uma experiência transformadora. Ao contemplar a pessoa e a missão de Cristo, sinto a necessidade de confrontar a minha vida com a sua, meus critérios, minhas atitudes, meus sentimentos mais profundos. Pouco a pouco vou pensando e atuando como ele. Não por um mimetismo externo, mas porque vai crescendo em mim uma força interior que me leva à identificação com ele.

Assim, experimento que se vai fazendo verdade em minha vida o mesmo que em Paulo: "Então não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim". Isso não se consegue por algumas ordens originadas da Casa Generalícia nem por um esforço voluntarista, mas nasce de uma necessidade do coração que quer expressar a adesão à pessoa de Cristo identificando-se com ele pelo amor.

Esta é a pobreza evangélica, a que nasce da necessidade de interiorizar o Evangelho vivido e pregado por Jesus e de identificar-se com o Cristo pobre e humilde.

Contato real com os pobres

É o que me leva à solidariedade. A pobreza-solidariedade brota como uma necessidade quando se está em contato real com os pobres. Só a sua presença é uma interpelação contínua que não nos permite levar um nível de vida ofensivo

para eles nem reservar-nos certas coisas para nós mesmos quando há tanta gente que precisa delas para sobreviver.

Abundam as estatísticas sobre a realidade da pobreza na América Latina e no mundo. A estatística posterior tem de afirmar que, apesar dos esforços dos poderosos (?), tem crescido o número e a situação dramática dos pobres. Diante dessa situação, nós, religiosos(as), não podemos ficar neutros. Os pobres nos convidam a assumir como própria a sua causa. Isso levou muitas pessoas consagradas a dar a vida. Hoje, na América Latina, os mártires da fé e da justiça se contam a dezenas e centenas. Assinaram com o sangue, a autenticidade e o radicalismo de seu compromisso.

Uma experiência que eu tive, sendo mestre dos noviços, fez-me compreender que o contato com os pobres não se pode substituir com nada. Um noviço, na hora do almoço, não comia e estava com o rosto muito sério. Perguntei: "Porque você não está comendo? Está doente?". Ele me respondeu, quase chorando: "é que eu não posso comer. Acabo de passar pela ponte de Quillacollo, onde uns camponeses tentam vender palha, e vi seus filhos famintos e vestindo farrapos... Passou-me a vontade de comer". Fez-se um longo silêncio. Havia ali quatorze noviços. Eu lhes disse que também me impressionava ver continuamente tais cenas a nossa volta. Que poderíamos fazer?

Um noviço propôs: "Por que não chamamos essas crianças para que venham comer conosco?". Todos se entusiasmaram com a idéia. Porém, um padre que estava comigo disse que isso iria durar muito pouco. "Por que não fundamos uma cozinha popular para as crianças aqui em nossa casa? Eu procuro um modo de financiar." Começamos no dia seguinte. Pensávamos que seriam quinze ou vinte, no final do mês eram cento e cinqüenta. O mais interessante é que os noviços tinham de visitar as famílias, organizar as mães para que viessem cozinhar e, assim, punham-se em contato com a realidade do povo. Nunca tive de exortá-los a viver a pobreza.

Partindo desses princípios, a experiência de Deus e o contato com os pobres, chegaremos a encontrar o modo

concreto como devemos viver, hoje, a pobreza, o uso e a administração dos bens do modo mais adequado.

A pobreza-solidariedade não só tem de ser vivida no âmbito pessoal e comunitário, como também no âmbito de instituto. Ninguém constata tão claramente a dificuldade como os(as) superiores(as)-gerais que sofrem por esse *vulnus* (= ferida) da Vida Consagrada. Tomando consciência de que boa parte da dificuldade está no estar envolvidos por um mundo neoliberal e globalizado, em 2002 foi proposta uma "economia alternativa" que seja "boa resposta às necessidades dos institutos religiosos, a serviço dos pobres".

No início do Terceiro Milênio, não podemos — dizem — ficar indiferentes diante do problema da pobreza que se propaga e se transforma em miséria, fome, falta de recursos para curar tantas doenças. E propõem administrar os bens movidos por uma forte espiritualidade, sustentar os organismos que promovem mudanças sociais e econômicas, que defendem os direitos humanos e a ecologia, exercendo, às vezes, pressão sobre os governos e sobre as multinacionais, investindo em organizações sem fins lucrativos e em sistemas financeiros éticos.

A atitude que é preciso assumir

Qualquer pessoa vê que o segredo, o único que pode mostrar o caminho certo, é a atitude interior de "pobreza de espírito", de desapego de todas as coisas e de si mesmo com uma total disponibilidade e confiança em Deus.

É o senso da pobreza que nos oferece a Bíblia: no nível socioeconômico, é a carência não escolhida de bens necessários para satisfazer as necessidades elementares da pessoa humana. No nível religioso, é a pobreza de espírito: a humildade radical diante de Deus ou "infância espiritual" que designa os pobres de Iahweh, quer dizer: os que estão vitalmente referidos a Deus, dispostos a aceitar de forma incondicional a sua vontade. No Novo Testamento, é o convite a deixar tudo, bens materiais inclusive, para segui-lo e servir ao Reino de Deus.[6]

6. Id., ibid. pp. 49-50.

Se se assume essa atitude, saberemos encontrar em cada nova situação a resposta adequada pessoal, comunitária e institucionalmente. Sem essa atitude, envolvemo-nos em uma casuística infrutífera. Mas, ainda que tenhamos uma atitude evangélica e a melhor vontade, teremos sempre dúvidas e encontraremos não poucas dificuldades teóricas e práticas. E esta é, às vezes, a maior pobreza.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Será que temos de viver com as mesmas necessidades "indignas de pessoas humanas" de nossos vizinhos, ou é melhor lutar e acompanhá-los para que eles também alcancem um nível de vida melhor?
2. A pobreza é um bem a ser procurado ou é um mal do qual se libertar?

Elementos de reflexão teológica em vista da inserção na caminhada dos empobrecidos e excluídos

Cecília Sodero Pousa, csa*

Fazer uma releitura da Vida Religiosa é uma proposta que não se esgota. Podemos fazê-la a partir de várias referências. Buscando uma perspectiva holística — a que vê as realidades humanas e universais como um todo e articuladas entre si — estou escolhendo ter a realidade da vida e do Deus da vida como o chão desta reflexão e a experiência histórica, humana, como paradigma.

A vida e o Deus da vida

Numa perspectiva holística, precisamos lembrar que, unindo todos os seres num mesmo sistema, só existe uma vida: a que invade tudo o que existe, que "enche" o universo, e que mantém o poder de viver de todos os seres, humanos ou não. Vida já quer dizer "não-estabilidade", movimento, mudança, processo. É um processo que vai levando, pelo tempo e pelo espaço, o nosso crescimento integral: a nossa mudança pessoal e social, biológica, de desejos e sentimentos, de percepção e visão das coisas, de compromisso histórico; a formação de nossa identidade pessoal e coletiva, a nossa capacidade de alegrar-nos e de sofrer; a nossa mudança nas relações e na cumplicidade com a própria vida.

Podemos dizer que a Vida Religiosa é uma expressão dessa única vida, dessa "grande vida". É assim que ela existe, não como uma vida em si mesma, à parte. O que ela significa toma corpo em cada uma(um) de nós, em cada comunidade que a assume. Numa perspectiva holística, poderíamos até não falar em "Vida Religiosa", mas em nós, "religiosas(os)",

* **Irmã Cecília Sodero Pousa** é religiosa da Congregação de Nossa Senhora – Cônegas de Santo Agostinho. Paulista, trabalha no Nordeste desde 1970. É assessora bíblica e teológica de diferentes grupos religiosos e movimentos de base. Trabalha em educação popular, numa perspectiva que leva em conta as opções feminista e ecológica. **Endereço da autora:** Rua Prof. Francelino de A. Neves, 81, cep 58056-370, João Pessoa-PB. Tel.: (83) 3236-6677. E-mail: ceciliapousa@gmail.com.

que, mergulhadas(os) na vida única do universo, entramos na sua dinâmica e lhe damos, também, movimento.

Em nós, a "grande vida" vive, faz história, segundo a qualidade de nossas relações e de nossa ação de pessoas humanas, mulheres e homens. Sendo vida de cada uma(um) de nós, ela tomará nossos rostos, a cor de nossas identidades pessoais e coletivas e de nossas culturas. E se expressará na integração de nossas diferenças e na organização de grupos plurais, onde possamos ter a liberdade de crescer em nossa vocação ontológica e nos tornar nós mesmas(os).

Nossa vida pessoal e coletiva é também essencialmente missionária, voltada para a vida do mundo, em especial para os empobrecidos, suas aspirações e seus problemas. Nessa perspectiva holística, poderíamos dizer, do mesmo jeito, que não "temos" uma missão, mas que nossa vida, que é feita de nossos desejos profundos, de nossas escolhas de valores, da qualidade de nossas relações e de nossas ações, é missão.

Viver, expressão dessa vida única

Todos os seres vivos, de acordo com o seu nível de consciência, sentem o que é a vida, diz padre José Comblin. "Nela, percorrem o ciclo do nascer, do crescer, do ficar adulto, do envelhecer e do morrer. Pela reprodução, a vida se prolonga na sucessão das gerações, e cada qual se acha num ponto determinado da evolução do mundo vivo."[1]

É preciso notar que viver como hoje pode não ser melhor do que viver como ontem. A evolução humana é um processo que nem sempre significa crescimento em humanidade e qualidade de vida. A ambivalência está presente em todas as nossas ações.

Viver seria darmos sentido à própria vida do hoje e do amanhã, em suas dimensões pessoal e coletiva, local e planetária; abrirmo-nos às dimensões da imanência e da transcendência: percebermo-nos dentro da vida que está em nós e nos transcende; transcendermo-nos, também, a nós mesmas, nos passos da história; abrirmo-nos às dimensões da ética, do encantamento, do prazer, da gratuidade, do cuidado e da comunhão.

1. COMBLIN, J. *A vida. Em busca da liberdade*. São Paulo: Paulus, 2007. p. 51.

Viver, segundo Rubem Alves, é entrar "na pulsação do sagrado".[2] O sagrado é a vida. Nela, somos todas(os) *con*-sagradas(os). Nesse espaço em que refletimos seria necessário passarmos, em nossa maneira de perceber-nos, de pensar e de agir da "Vida Religiosa Consagrada" à "consagração da vida!".[3]

O Deus que é vida. O Deus da vida

Estar em comunhão com a vida é estar em comunhão com o Deus "da vida", e que "é vida" — por ser fonte dela. Essa maneira de falar de Deus encontra-se freqüentemente na Bíblia, na tradição cristã e na expressão popular. Não aparece muito, porém, na teologia, nos catecismos e na liturgia.

É que, por influência dos filósofos gregos nos primeiros séculos do cristianismo, Deus sempre foi visto a partir de uma cosmogonia: em sua natureza de Ser Supremo, origem e motor de todo ser, ao lado de vários outros níveis de ser, cada nível definido por uma natureza. Ora, as naturezas são essências, e as essências são imutáveis. O movimento, a mudança, o tempo não as atingem.

Sob essas condições, criou-se uma religião em que se idealizou a eternidade imóvel de Deus. Toda mudança era vista como desordem, como desobediência ao criador que criou as coisas para serem estáveis, cada uma desfrutando de sua essência e seguindo a sua natureza.

Imbuída dessas certezas, a teologia ignorou a subjetividade e a autonomia, ou desconfiou delas, pois são realidades dinâmicas, provocam mudanças. Nas instituições, em vista da organização das relações, consagrou-se o modelo sociológico da hierarquia que estabelece a verticalidade do poder, e a obediência como resposta a esse poder. A maneira de exercer a obediência inspirada por esse esquema favoreceu o controle da ordem estabelecida, dificilmente mutável, e foi considerada como atitude privilegiada e salvadora.

Com essas condições, não havia como perceber o que fosse a vida, que é movimento, dinamismo, busca, acertos e erros, criação e *re*-criação, transformação, liberdade!

2. ALVES, R. *Perguntaram-me se acredito em Deus*. São Paulo: Planeta, 2007. p. 55.

3. PEREIRA, Márcio H. Pereira. Da Vida Religiosa Consagrada à consagração da vida. *Convergência* 401, abr./2007.

Colocar a presença do Ser Eterno e Imutável como eixo principal do pensamento católico agradou às classes dirigentes, que sentiam o apoio da Igreja nas suas lutas contra qualquer tipo de revolução ou mudança. A Igreja Romana, especialmente na Europa, tornou-se guardiã da ordem e levou essa consciência aos povos conquistados pelos europeus. Adotar o "Deus da vida", o "Deus que é vida", só poderia vir de outro continente. E veio da América Latina, já em nossa época: em nome dos habitantes de Villa El Salvador, e de todos os bairros pobres de Lima, Victor e Isabel Chero, apresentados pelo pastor da região, o bispo Germán Schmitz, começam, assim, sua saudação a João Paulo II:

> Santo Padre, temos fome. Sofremos miséria, falta-nos trabalho, estamos doentes. Com o coração partido de dor vemos que as nossas esposas passam as gestações tuberculosas, que as nossas crianças morrem, que nossos filhos crescem frágeis e sem futuro... Mas, apesar de tudo, cremos no Deus da vida![4]

Entre nós, falando de Deus

Em nossa história, levadas(os) por realidades como a do holismo, precisamos desconstruir imagens de Deus que vêm de inúmeras ideologias, culturas e histórias, e reconstruí-las com nossas próprias intuições e experiências. Habitamos no Deus da vida, e o Deus da vida habita em nós. Ele é transcendência em todos os seres;[5] é sustento à vida dos viventes e apelo ao respeito e à comunhão. Temos experiência desse Deus no processo de nossa existência.

O teólogo Leonardo Boff expressa assim sua fé: "Deus está agindo em cada parte e no todo do universo. Nesse universo tudo tem a ver com tudo, formando uma incomensurável rede de relações". "Se tudo é relação, não é contraditório pensar que Deus seja também uma relação infinita e uma suprema comunhão."[6]

Com a tradição judaico-cristã, que guarda a herança de nossa fé, chamamos a Deus de "o mistério", "princípio de vida", "fonte de vida", "relação e comunhão profundas",

4. COMBLIN, J. Op. cit. pp. 17ss.

5. GEBARA, I. Teologia feminista. Revista *Ciência e Vida – Filosofia*, São Paulo, p. 21, dez./2007: "Chamamos Deus à transcendência presente em todos os seres e que nos convida, pelo simples fato de existirmos e fazermos parte da complexa teia de vida, a respeitarmos uns aos outros. Tentamos, dessa maneira, superar uma transcendência metafísica e abstrata e buscamos afirmar uma transcendência nos limites de nossa existência".

6. BOFF, L. *Ciência e espiritualidade*. Disponível em: <http://www.adital.com.br>. Acesso em: 10.10.2007 – Mundo.

"Deus conosco". Dizemos que o Espírito de Deus "vivifica todo o universo", "renova a face da terra".

A Igreja cristã primitiva diz que "Deus é amor", harmonia na diversidade, criatividade permanente; que nós somos templos do Espírito Santo, moradas de Deus; que "é Cristo quem vive em nós".[7]

Os gregos falam em "entusiasmo": "ter um Deus dentro!"

Em sua experiência cotidiana de vida, os pobres se expressam assim:

- "Graças a Deus, choveu no sertão. Graças a Deus, o milho brotou. Graças a Deus o gado não morreu. Graças a Deus estou curada. Deus, como chuva-milho-gado vivendo, cura.
- Deus sobrevivendo na minha sobrevivência. Deus no chão, no sertão, no asfalto, no meu corpo. Deus, suspiro cheio de desejo, de sonho, de esperança etc.[8]

E o povo tem esta convicção: "Voz do povo, voz de Deus!"

Toda essa memória nos tira de uma imagem prioritariamente masculina de Deus, presente na Bíblia, na maioria das vezes. No patriarcado, o masculino passou a ser a síntese simbólica do poder, da força, do julgamento, da justiça, do amor[9] e essa mentalidade marcou profundamente a expressão da fé do povo bíblico e da Igreja cristã que se organizava. Sabemos que a natureza de Deus vai além de suas imagens e não podemos defini-la como masculina e/ou feminina.

Fazer teologia

Situando-nos no chão da vida e do Deus fonte de vida, concluímos que toda realidade, universal e local, é lugar teológico. É o campo de que dispomos para nossa busca existencial do conhecimento de Deus. Fazer teologia será, pois, perceber o mundo para além de nós mesmas(os) em sua complexidade e, numa busca de novos sentidos, refletir sobre Deus e experimentá-lo no profundo de nossa vida, de nossos conhecimentos e do que nos rodeia, convidando-nos a uma comunhão maior com ele e com todos os seres.

7. Gl 2,20.

8. GEBARA, I. *Experiência cotidiana de Deus na vida dos pobres.* Trechos de uma palestra para religiosas em João Pessoa-PB, 2002 (anotações pessoais).

9. Id. Teologia feminista, cit., p. 16.

No chão da vida e do Deus da vida, o chamado e a missão de Jesus

Tanto na Igreja do tempo de Jesus e dos primeiros séculos do cristianismo como nas Igrejas atuais o *batismo* é visto liturgicamente como o marco do reconhecimento da vocação de todo cristão. A Igreja ensina que pelo batismo nos purificamos do pecado original e, chamadas(os) à santidade, entramos na comunidade dos justos.

No início de sua vida pública, Jesus se faz batizar por João Batista. Nesse batismo ganham sentido a opção de Jesus pelos empobrecidos e a missão educativa e profética que ele anuncia e assume numa nova prática, que é a base de nossa missão a partir da comunidade cristã.

Os textos dos sinóticos sobre o batismo proposto por João se completam. O batismo de João é um batismo de penitência. Marcos, Mateus e Lucas deixam perceber que eram os pobres que acorriam a ele; pobres que viviam sob o peso de suas impurezas impostas pelas exigências do sistema judaico, patriarcal, e da culpabilidade que os marcava, e que, segundo os ensinamentos da época, os excluíam da salvação. Como em tempos passados, em que o povo dos pobres que saía do Egito havia atravessado as águas do Mar Vermelho para livrar-se da opressão e começar uma nova vida, os pobres, aqui, mergulhando também na água e penitenciando-se, sairiam lavados, purificados, livres para poder começar uma vida melhor.

Jesus chega para ser batizado seguindo pelo caminho do povo. Mateus nota que João não quer batizá-lo. Crê que ele não está na situação humilhante e sofrida dos pobres e que não precisa de um batismo de penitência, embora fosse um "judeu marginal". Mas Jesus deseja com convicção entrar na água "para que a justiça se cumpra". Podemos entender, assim, a insistência de Jesus: mergulhar significaria entrar na vida, na busca difícil dos pobres, experimentar sua condição, assumir com eles sua realidade, numa igualdade de direitos. E sair daí para estar sempre no caminho dos pobres, acompanhá-los como irmão e Mestre. Tudo isso "a fim de que a justiça se cumprisse": a da igualdade nas condições de vida e

a do assumir sua missão na perspectiva do "fazer justiça", pois a Sagrada Escritura sempre viu a pessoa empobrecida como produto das grandes desigualdades, do uso abusivo e desumano do poder, da injustiça dos sistemas vigentes.

Dizemos que muitos pobres entraram no caminho de Jesus. Mas Jesus havia, antes, iniciado sua vida pública dando o sinal de que, pobre também, ele entrava no caminho dos empobrecidos. Pode-se falar, até, de um seguimento mútuo, recíproco.

As comunidades de Marcos e Mateus, resgatando a fé popular, notam, no batismo de Jesus, a presença forte do Espírito Santo, que o proclama "filho muito amado de Deus, em quem ele pôs todo o seu agrado!". É nesses termos que, inspiradas talvez no Servo de Javé — povo sofrido no exílio da Babilônia, escolhido por Javé e muito amado por ele (Is 42) — essas comunidades entendem o sentido da opção de Jesus e de seu batismo: "Jesus é o Filho Amado de Deus no momento em que ele experimenta a condição dos empobrecidos e entra na prática e na fé populares; no momento em que experimenta a condição do Servo de Javé".

Na representação da cena pelo imaginário do povo, pode-se pensar que o símbolo da "pomba" "fale" de liberdade: do povo, liberto de suas angústias; de Jesus, liberto pela coragem da escolha dessa missão, que ele sabia ser perigosa. O próprio Espírito, na tradição, partilha a vida, é livre, transforma a face da terra. Sua presença, tão constante nos Evangelhos, sobretudo no de Lucas, é "rumo" para tudo o que existe dentro da história,[10] é sinal de uma realidade aberta para o futuro, é transcendência.

O batismo é o prenúncio da missão: Jesus e os pobres, muitos deles excluídos, fazendo caminho, aprendendo e ensinando, numa missão que educa, liberta, transforma. O mergulho sela, para o povo e para Jesus, a sua vocação de, em nome do Pai — "fonte da vida" — assumir a caminhada dos que são carentes de bens materiais, de educação, de saúde, de atenção, de afeto, de reconhecimento e de auto-estima, de lugar social; dos que são perseguidos e levados à crucifixão, pena de morte para os mais fracos...; dos que sofrem tormento por serem excluídos da salvação; dos que lutam para viver a vida a que têm direito.

10. MESTERS, C. OROFINO, F. *Leitura popular da Bíblia*. CEBI. Disponível em: <http://www.adital.com.br>. Acesso em: 24.10.2007 – América Latina.

No caminho, todos são "santos". Fazem a comunidade dos santos, dos justos, mesmo estando longe da perfeição. E sem a "separação", sem a "sacralização" como condições especiais que "consagram" e que enobrecem e distinguem. São santos e consagrados numa santidade e consagração atuantes, no aprendizado da prática da justiça e da misericórdia, que Jesus resumiu no seu mandamento único: "Amar a Deus com toda a sua vida, e ao próximo como a si mesma(o)".

Interessante será notar que a comunidade de Lucas continua a marcar com insistência, em sua narração da continuação da vida de Jesus, a presença do Espírito, força de vida que transcende a vida das pessoas, que as conduz, que mostra o rumo do caminho. "Repleto do Espírito", diz o evangelho de Lucas, "Jesus volta do rio Jordão e é conduzido pelo Espírito através do deserto". Aí, enfrenta tentações, confronta-se consigo mesmo, experimenta o poder que possui, e opta: o que é de Deus é o pobre, o desvalido; é a justiça, a misericórdia, a igualdade, a fidelidade. O poderoso dificilmente entrará no caminho dos pobres, pois dificilmente repartirá com eles o seu poder, os seus bens, o seu amor.

No sábado, Jesus vai à sinagoga e, com coragem e determinação, dirige-se para fazer a leitura. Dão-lhe o livro do profeta Isaías. Jesus, participante do "Servo de Javé", amado pelo Deus da liberdade e da vida e escolhido para a missão de libertação dos pobres (Is 42), toma, no Terceiro Isaías, o texto com o qual, sob o impulso do Espírito, publica a missão de justiça e de misericórdia que determinaria toda sua vida pública: "Levar a boa nova aos pobres, curar os corações feridos, libertar os escravos, os prisioneiros, consolar todos os aflitos, proclamar o ano da graça de Javé, transformar a tristeza em alegria" (cf. Is 61,1ss).

Olhando para Jesus e buscando sentido para nosso chamado e nossa missão na história atual

Num enfoque teológico, buscar sentido a partir do exemplo de Jesus e da ação do Espírito que o conduz é buscá-lo a partir dos *valores* vividos. Para nós, cristãs(ãos), é buscá-lo a partir dos valores evangélicos, que são profundamente humanos. O Espírito é anúncio e ação de amor — vida e

liberdade. Amor a Deus e amor ao próximo. O processo da vida é — ou deveria ser — uma "amorização", como diz Theillard de Chardin.

Os frutos do amor têm a ver sempre com a justiça e a misericórdia. O amor de justiça não existe sem o amor de misericórdia, e vice-versa. Eles devem abraçar-se. É importante que trabalhemos nessa perspectiva nossas relações para que, de fato, elas sejam frutos desse abraço.

Segundo as exigências do amor, situar nossa vida-missão na *inserção* junto aos mais necessitados consistirá em seguir com Jesus o caminho dos empobrecidos e sofredores e deixar-nos conduzir pelo Espírito, procurando abraçar os valores desse caminho, que se resumem no amor a Deus e no amor ao próximo. Aí fundamentaremos nossas relações.

Inserindo-nos, "tomaremos carne" nos contextos dos excluídos e dos empobrecidos. Integraremos o tecido de nossa vida no tecido da vida do povo necessitado; teceremos com eles, participando do fraco e do forte, do puro e do impuro que marcam seus contextos; teceremos com eles com o que também em nós é fraco e forte, puro e impuro. Assim, nós nos perceberemos na história de hoje como participantes da vida e da morte que se confrontam, que se entrelaçam; abraçaremos a realidade como ela é; aprenderemos a lidar com ela, para aí, dentro dessa "carne", dentro desse tecido comum, vivermos os valores da luta pela vida... ensinando e aprendendo...

Hoje, nas cidades, notamos que o aumento da exclusão perpassa a classe dos explorados (embora "incluídos" no sistema) e atinge a classe média. Acontece também que muitos dos que haviam sido excluídos do sistema se *re*-incluem (por novos e sucessivos empregos, por exemplo) e muitos dos que se encontravam incluídos são postos fora do sistema e se tornam excluídos. E isso se dá num movimento contínuo. O povo dos excluídos e dos que se *re*-incluem sucessivamente no sistema é elástico, movediço, pois não é sempre constituído dos mesmos excluídos e dos mesmos incluídos. Torna-se difícil saber até onde vão a exclusão e o empobre-

cimento no tecido social. Eles avançam sem marcar fronteiras, sem marcar limites.

No campo, a luta pela sobrevivência mira fortemente a cidade. O êxodo rural nunca foi tão intenso, especialmente por parte dos jovens que desejam preparar-se para um futuro diferente de seus pais.

Tudo isso nos faz levantar questões sobre o jeito de realizarmos esse nosso compromisso tão exigente de inserção. Sem abandonarmos a inserção geográfica, onde ela for possível, é necessário acrescentar a ela outros *modelos*, como, por exemplo, o de pessoas que, não residindo junto aos empobrecidos, atingem-nos lá onde eles estão, aliando-se, com outros, ao seu projeto, à sua ação concreta, vivendo essa opção numa verdadeira prioridade. É imperativo que, hoje, entremos em redes, abramo-nos a parcerias com outras organizações que estão em processo semelhante: certas ONGs, CPTs, MSTs, CEBs, grupos feministas, ecológicos, de políticas públicas, de educadores populares, de medicina alternativa, de aidéticos, de portadores de deficiências, de cristãos pelos direitos humanos etc., assumindo em nossas ações um espaço mais público. Precisaremos, também, utilizar meios modernos de comunicação.

O povo explorado e excluído merece o melhor de nós e do nosso serviço. O importante é sermos solidárias(os) e competentes e estarmos, de fato, com os empobrecidos num *processo de educação,* isto é, de busca da evolução das identidades pessoais e coletivas, de busca das conquistas de direitos e dignidade, de busca da formação de cidadãos, protagonistas sociais. A competência tem sempre a ver com a qualidade de vida, com o seu crescimento, com a construção da história, com um mundo segundo o Espírito de Deus. Por isso, conforme o objetivo e a maneira de como é buscada, torna-se também um espaço teológico.

No processo educativo em que nos educamos com o povo, a *dimensão política* é de importância capital. Sem atingir as estruturas e as instituições não haverá, historicamente, possibilidade de expansão da vida — de construção da justiça, da ética, de humanização. Não haverá possibilidade de

crescimento na grande comunhão da vida universal. Saber tomar posição e trabalhar a consciência política das pessoas é uma dimensão de nossa fidelidade teológica.

Também não haverá possibilidade de expansão da vida na grande comunhão da vida universal sem que lutemos, *com as mulheres e como mulheres*, pelo fim da mentalidade e do preconceito sexistas. Queremos igualdade de direitos nas relações humanas fundamentais, que são as relações de gênero. Trabalhar a consciência e a luta feministas numa busca de igualdade e de justiça também é estar no campo da promoção da vida, do agir teológico.

No mundo cruel de hoje, em que as(os) excluídas(os) se multiplicam e o próprio sistema que as(os) produz não terá saída para elas(es), não podemos deixar de tornarmo-nos especialmente sensíveis à sua dor. Muitas pessoas, muitos empobrecidos sofrem na solidão, no isolamento, quando não no desprezo. É para nós um dever de misericórdia prepararmo-nos para assumir a *dimensão celebrativa* do que se vive. Criar grupos capazes de celebrar a vida, a morte, a doença, o sofrimento é organizar e assumir o ministério da consolação.

Neste mundo individualista é preciso que também haja gente que se prepare para *escutar o povo:* conselheiras(os), pessoas com boa filosofia social, capazes de compreender os problemas vindos das diferentes culturas populares. Pessoas capazes de entender situações que criam conflito, como, por exemplo, as "saídas" das mulheres pobres que vendem seu corpo, dos homens pobres que tomam sua cachaça... Que haja boas e bons terapeutas populares.

Neste mundo individualista e seletivo — que escolhe sempre "os melhores" — saber *reconhecer e permitir o protagonismo* das pessoas que vivem conosco a missão e não têm a nossa formação nem a nossa opção de Vida Religiosa; dar sentido ao seu esforço para que cheguem a esse protagonismo, valorizando sua esperança e incentivando-as a participar do "fazer teologia". Nunca percebê-las como ameaça ao nosso poder, mas como seres com quem queremos entrar em comunhão.

Acompanhar os pobres em sua *descoberta de um "Deus com eles"*, dentro de sua vida — Deus parceiro nos caminhos das lutas, do amor — e trabalhar os *valores humanos/evangélicos* — reflexos da vida do Espírito de Deus na vida do mundo — são outros espaços a serem ocupados hoje, na busca da produção de esperança no processo popular. As Igrejas oficiais parecem estar distantes dessas preocupações, distantes dos mais pobres.

Os *ministérios da Justiça e da Misericórdia* exigem crescimento e maturidade, e suas ações penetram todo o tecido da vida, que, para nós, é continuamente recriada por Deus e conduzida por seu Espírito.

Vida. Missão e profetismo

Em tudo o que expressamos, a vida, a missão e o profetismo estiveram totalmente presentes. Seria bom lembrar-nos apenas de algumas realidades que, teologicamente, estão na base da compreensão dessas realidades.

Como outras pessoas ligadas a instituições e/ou trabalhos diferentes dos nossos, somos leigas(os) e vivemos nossa vida religiosa, nossa vida-missão, num grupo nascido de uma inspiração que chamamos de *carisma*.

Um *carisma* é sempre uma expressão de *vida*: ele se traduz por uma capacidade de sentir e de discernir as necessidades maiores e urgentes de um lugar e de uma época; por uma paixão de realizar projetos em vista da vida de pessoas, do povo, onde se está; pela coragem no agir, a fim de criar alternativas. Um carisma vem de nossa vida profunda, pessoal e social; sacode-a, fá-la vibrar. Todo carisma se concretiza, pois, numa missão — missão profética.

Falar de *profetismo* significa falar de "Palavra", de "expressão"; da voz do povo que *assume* a verdade de sua consciência, a verdade de seu Deus, de seus ídolos, de seus mestres, das pessoas nas quais confia, e *fala ou age* em nome deles... Pelas palavras e ações proféticas "ouve-se", a voz dessa verdade ressoar do interior das realidades históricas onde se grita, se resiste, se espera ou se perde a esperança, onde se buscam

direitos, liberdade de expressão, reconhecimento; onde se constrói cidadania e se aprende o agir ético e democrático. Nesses gritos há anúncios de conquistas, há denúncias de situações em que, por exemplo, a ganância, a corrupção, a droga são mais fortes que a justiça e a ética, em que as doenças sociais se proliferam de maneira irresponsável...

O profetismo não é, portanto, um fenômeno de natureza religiosa. É um fenômeno humano e público vivido nos diferentes campos da sociedade. É também um fenômeno particular e universal. Hoje, assumem-se mais coletiva do que individualmente as "correntes proféticas" que questionam ou confirmam a história. No entanto, a grave situação atual, criada pelo sistema econômico ditatorial mundial, centrado nos países do Primeiro Mundo, está exigindo atuações proféticas de grande visibilidade, não só coletivas como também individuais. A greve de fome de dom Luís Flávio Cappio, bispo de Barra, na Bahia, por exemplo, contra os perigos do projeto de transferência de águas do rio São Francisco, conseguiu provocar um debate na opinião pública nacional, coisa que a mídia não foi capaz de fazer.

Nossos compromissos públicos

Como cristã(ão) e cidadã(ão), membro responsável da sociedade eclesial e da sociedade mais ampla com a qual nos relacionamos, publicamos o sentido de nossa vida-missão e a força de nosso compromisso em relação ao povo.

Os "votos" da Vida Religiosa feminina nasceram no ambiente da Vida Religiosa masculina, que, no século XIV, quando a Vida Religiosa feminina se organizou, já estavam institucionalizados e, a partir de uma leitura essencialista,[11] tornaram-se imutáveis, expressando valores básicos da sociedade patriarcal assumidos pela Igreja na época de sua institucionalização.[12]

Esses valores, lidos e relidos através dos séculos, são importantes, mas não são únicos nem absolutos. Como aconteceu com Jesus, nosso compromisso público, a meu ver, deveria ser feito a partir da tradição e da inspiração proféticas que

11. *Leitura "essencialista"*: define os valores por sua essência, pela forma como Deus os criou. Essas verdades não mudam, nem sua interpretação. Elas se tornam verdades eternas. Algumas são chamadas de "dogmas".

12. *Leitura "contextual"*: procura referir-se ao contexto vital em que o valor se expressa. Essa leitura se abre a novos paradigmas. Não dá nenhuma significação absoluta aos valores.

nos animam em nossa vida concreta, sempre em mudança e, mesmo, em mutação. Para expressarem a verdade de nossa vida, deveriam ser "processo" que cresce de acordo com nosso crescimento. Processo de nosso compromisso com um povo, num determinado tempo e local. Processo de nosso compromisso com a cidadania, com a democracia, com a vida do país, do continente e do planeta. E expressos à maneira feminina ou masculina, se publicados por mulheres ou por homens.

Não só os votos, mas também nossas estruturas precisariam corresponder às realidades vividas pelo grupo que se reorganiza, e serem, assim, recriadas fora das características do patriarcalismo. Nossa vocação, nossa comunidade, nossa missão são proféticas. Vão além da instituição, não podendo ser limitadas por ela.

As comunidades inseridas poderão ser grandes oportunidades de experiência, para as congregações, de relações recriadas ou renovadas, de modelos de organização atualizados, não hierárquicos, mas igualitários.

Concluindo

Deus é mistério, e buscá-lo no mistério da vida e em seus sinais na vida cotidiana é a *nossa fé!* Os avanços no caminho da busca do sentido de Deus no cotidiano e no processo de nossa história — o fazer teologia — ajudam-nos a descobrir novas faces do mistério, mas não o desvendam.

Alimentar uma vida plena de sentido é fundamental para todo ser humano. Com os pés no chão, animadas(os) pelo Espírito de Vida, a mística toma toda a nossa vivência e nos apaixona. Sem realismo e conhecimentos, mas também sem encantamento, sem sonhos, sem paixão, sem uma esperança que incansavelmente se renove, não teremos vigor para a caminhada.

A mística, de fato, nos lança no caminho da teologia e, em estreita relação com ela, ajuda-a a desvendar as verdades e a encontrar o rumo. As duas juntas, integradas num mesmo movimento, levam-nos a acolher nossa vida e nossa fé como

o núcleo gerador de sentido e como o "núcleo gerador de criatividade e de mudança".[13]

Bibliografia

GEBARA, I. *O que é teologia*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

_____. *O que é teologia feminista*. São Paulo: Brasiliense, 2007.

_____. Teologia feminista. Revista *Ciência & Vida – Filosofia*. São Paulo, dez./2007.

_____. *Experiência cotidiana de Deus na vida dos pobres*. Trechos de uma palestra para religiosas em João Pessoa-PB, 2002 (anotações pessoais).

COMBLIN, J. *A vida. Em busca da liberdade*. São Paulo: Paulus, 2007.

_____. *O caminho. Ensaio sobre o seguimento de Jesus*. São Paulo: Paulus, 2004.

BOFF, Leonardo. *Ciência e espiritualidade*. Disponível em: <http://www.adital.com.br>. Acesso em: 10.10.2007 – Mundo.

MESTERS, C.; OROFINO, F. *Leitura popular da Bíblia*. CEBI. Disponível em: <http://www.adital.com.br>. Acesso em 24.10.2007 – América Latina.

SCHÜSSLER FIORENZA, E. Romper el silencio, lograr un rostro visible. *Concilium* 202, Madrid, 1985.

ALVES, Rubem. *Perguntaram-me se acredito em Deus*. São Paulo, Planeta, 2007.

PEREIRA, Marcio H. Da Vida Religiosa Consagrada à consagração da vida. *Convergência* 401, abr./2007.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Concretamente, onde e de que maneira experimento Deus no cotidiano da minha vida?
2. Que significa, para mim, "entrar na água"?
3. "Continuar sendo profeta hoje." De que maneira minha congregação, meu instituto vive o profetismo nos diferentes campos da sociedade?

13. *Leitura "processual"*: lê os valores a partir da evolução dos processos em que estão integrados.

Vida Religiosa a serviço da vida

Reafirmar o compromisso da Vida Religiosa Consagrada no serviço à vida, diante das grandes questões sociais e ambientais, e fortalecer a inserção nos meios populares e em novos espaços de solidariedade e cidadania.

ANTÔNIO APARECIDO DA SILVA, FDP*

O enunciado no título não expressa qualquer pretensão de abarcar os conteúdos aí mencionados. São realidades por demais amplas e importantes no processo da Vida Religiosa. Portanto, mais que um título, a formulação acima contém os elementos da prioridade número 1, aprovada na XXI Assembléia Geral da Conferência dos Religiosos do Brasil.

O nosso objetivo nesta breve e sucinta reflexão é estimular os leitores para que retomem as propostas da Assembléia Geral e possam aprofundá-las, sobretudo nas reuniões comunitárias. Para facilitar o estudo, destacamos os vários subtemas contidos na grande proposição.

Não e demais lembrar que, num mundo plural e cheio de necessidades, a Vida Religiosa se faz servidora nas mais diversas situações. O gesto solidário caracteriza os votos de consagração e se constitui numa espécie de quarto voto obrigatório. Ser religioso, é ser solidário, acima de tudo. Postura que a tradição profética latino-americana cunhou de "opção preferencial pelos pobres".

Vida Religiosa Consagrada: compromisso e serviço à vida

O compromisso da VRC no serviço à vida é inerente à sua própria vocação de seguimento a Jesus Cristo. "Eu vim para que todos tenham vida, e a tenham em abundância" (cf. Jo,10-10). A VRC quer reafirmar este compromisso de Jesus, fazendo dele a sua prática habitual. Hoje, mais que nunca, a vida encontra-se fortemente ameaçada. A vida humana, em

* **Padre Antônio A. da Silva** é sacerdote orionita, professor de Teologia no Itesp-SP, assessor da Pastoral Afro, membro da Equipe Teológica da CRB-Nacional. **Endereço do autor:** Rua 13 de Maio, 452, Bela Vista, cep 01327-000, São Paulo-SP. E-mail: pe.toni@terra.com.br.

particular, está refém da violência generalizada e, portanto, relegada à sobrevivência. Como temos cantado no hino da Campanha da Fraternidade: "Com tristeza vejo a vida desprezada/nos meus filhos e em toda a natureza/Me entristece tantas vidas abortadas/dói em mim a violência e a pobreza".

Os meios de comunicação globalizados globalizaram também a violência. O clamor pela vida ecoa como um grito desesperado vindo de todas as partes. O nascituro reclama o direito de nascer. As mães das imensas periferias clamam pela vida de seus filhos assassinados entre a meninice e a juventude, e recusam ser consoladas porque eles já não existem mais. Os pais da classe média choram a morte dos filhos que eles acreditavam protegidos, entretanto são vítimas da hipertermia causada pelo *ecstasy* ingerido na festa *rave*. O grito pela vida contra a morte vem do Oriente Médio, do Extremo Oriente, de todos os continentes e, sobretudo, da África, ancestral e mãe de toda a humanidade.

O desafio à vida, na verdade, tornou-se uma prática estrutural. O papa João Paulo II caracterizou esse fenômeno como sendo uma perniciosa "cultura de morte". A dura realidade das grandes massas excluídas é a constatação de multidões de homens e mulheres que se consomem e agonizam pelas ruas das cidades. Os planejamentos elaborados pelos grandes centros de poder já não têm mais pudor em deixar de fora contingentes inteiros de pessoas que estão condenadas a morrer. A falta de políticas públicas voltadas para a saúde, bem como a escassez de saneamento básico, têm sido causas de mortalidade em massa.

Inspirado na literatura deuteronomista, o episcopado latino-americano, reunido na assembléia de Aparecida, fala em caminhos de morte e caminhos de vida:

> Caminhos de morte são os que levam a dilapidar os bens que recebemos de Deus. São caminhos que traçam uma cultura sem Deus, ou até mesmo contra Deus, animada pelos ídolos do poder, da riqueza e do prazer efêmero. Caminhos de vida, por sua vez, são aqueles abertos pela fé que conduzem à plenitude da vida em Cristo (*DA*, n. 13).

Contra toda expressão de cultura de morte a VRC reafirma o compromisso e o serviço à vida. Esse compromisso vai desde o zelo pela vida frágil dos recém-nascidos acolhidos nos muitos abrigos e creches organizados em todas as partes, sobretudo nas periferias e em meio às populações carentes, até o apreço pela vida dos idosos. A VRC que ao longo dos anos testemunhou o seu compromisso para com a vida nas santas casas de misericórdia, hoje continua este testemunho em grandes centros hospitalares sem deixar de ser presença solidária nos postos e unidades básicas de saúde. As farmácias comunitárias, as atividades da Pastoral da Saúde e, sobretudo, a Pastoral da Criança têm sido espaços privilegiados de atuação, especialmente da Vida Religiosa feminina.

Os novos espaços em transformação que bem caracterizam os dias de hoje, como constataram os religiosos em recente assembléia, fazem da vida uma das questões centrais nos dias de hoje. Na área da saúde, sobretudo, há toda uma sofisticação que envolve equipamentos e processos, exigindo dos gerenciadores alta qualificação. Para além da alta tecnologia capaz de resultados surpreendentes, persistem problemas éticos que vão desde a exclusão das maiorias pobres ao acesso à medicina de ponta, até as arbitrariedades diante da vida, tendo como critério decisivo a própria capacidade científica. "A globalização influi nas ciências e em seus métodos, prescindindo dos procedimentos éticos" (*DA*, n. 465).

Pior ainda: hoje, a vida do paciente está refém dos interesses econômicos. O que determina se os aparelhos continuarão ligados ou não será o depósito financeiro ou a qualidade do plano de saúde. Zelar pela vida, sem dúvida, é assumir uma atitude profética diante de tais questões.

A VRC, no cumprimento do seu serviço à vida, tem participado da conscientização das pessoas nas comunidades do direito à vida. Para tanto, cada vez mais sente-se empenhada na busca de políticas públicas que possam significar mais vida para as populações. A realidade de hoje exige da vida o seu mais alto grau de verdadeira resiliência. Com as muitas preocupações surgem também os muitos desafios à

vida, à saúde do corpo e do espírito. Entre outras, o *stress* é, sem dúvida, a enfermidade que mais atinge as pessoas. Muitas vezes, a cura de tais males não depende só da medicina convencional, mas também de uma terapia espiritual. A esse propósito, é importante ter sempre presente que a Vida Religiosa é também, e sobretudo, fonte de vida. Ela é "testemunha de que existe outra forma de viver com sentido" (Bento XVI. Discurso inaugural da assembléia de Aparecida).

Questões sociais e ambientais

Desafios sociais sempre estiveram presentes em todo o desenvolvimento da humanidade, entretanto, dada a grande velocidade com que as coisas acontecem nos dias de hoje, as situações não chegam a ser assimiladas e, menos ainda, resolvidas pelo conjunto das sociedades, e se transformam em problemas. Questões sociais e ambientais são o grande paradoxo dos nossos tempos, contrastando com os altos índices de cientificidade e tecnologia. A VRC, atenta aos sinais dos tempos, acompanha com preocupação o recrudescimento de velhas questões e o aparecimento de novos problemas cuja solução transcende o nível da boa vontade individual. São questões estruturais.

A esteira de questões permanentes e emergentes é enorme e cresce cada vez mais. O problema das grandes migrações mostra, sobretudo, a desesperadora situação das populações dos países e continentes empobrecidos em busca de sobrevivência. O tráfico de mulheres, sobretudo de adolescentes, constitui uma afronta moral e questiona a humanidade. A movimentação do comércio das armas e de drogas é outro desafio diante do qual as sociedades se vêem estarrecidas e vitimadas.

A VRC, em atitude samaritana, tem procurado curar as feridas, não poucas vezes, até com grandes heroísmos. Entretanto, sente com clareza a desproporção entre os seus gestos de bem e as estruturas do mal. Para além das ações sempre necessárias, é preciso denunciar profeticamente essas prá-

ticas que infelizmente tornaram-se tão comuns em nossos dias. Os migrantes, os dependentes químicos, as mulheres desprotegidas, a adolescência e a juventude em situação de risco, a população de rua, desesperadamente esperam mais da VRC. Os religiosos não têm o direito de acomodar-se enquanto essas vozes continuarem clamando.

Entre as questões sociais prementes em nossos dias, destaca-se de maneira espetacular o problema da desigualdade. A ONU o qualificou como sendo o maior desafio para a sociedade atual. Paradoxalmente ao que o direito afirma, vivemos um mundo de pessoas desiguais. Em décadas recentes, as pessoas eram caracterizadas de acordo com as possibilidades de seus países e regiões, sendo classificadas do primeiro até o quarto mundo, ou em nações desenvolvidas e subdesenvolvidas. Hoje, só restaram duas classificações efetivas: os incluídos e os excluídos. Não importa a região ou os países em que se encontram.

As mulheres, inclusive as religiosas, em que pese as suas lutas por libertação, continuam sendo vítimas das desigualdades. O mesmo ocorre com os negros e com os índios. O machismo, o xenofobismo e, sobretudo, o racismo, infelizmente, não são coisas do passado. Estão presentes nas linguagens, nas atitudes e nos conceitos. Não são apenas expressões psicológicas. São práticas concretas que impedem o outro, pelo fato de ser mulher, negro ou índio, de participar em igualdade de direitos que deveriam ser de todos. As desigualdades são, por certo, as maiores feridas do mundo, do continente e do nosso país.

Passados mais de cem anos da abolição da escravidão, os afrodescendentes ainda lutam pelo direito a um estatuto de igualdade racial. Na periferia de Paris e das grandes cidades francesas, os jovens negros reclamam direito de igualdade e, para serem minimamente ouvidos, usam recursos extremos. Em nossas periferias e favelas o clamor dos jovens chega através da denúncia transformada em versos do *rap*. "Em sua missão de advogada da justiça e dos pobres, a Igreja se faz solidária aos afro-americanos nas reivindicações pela defesa de seus territórios, na afirmação de seus direitos, na cidada-

nia, nos projetos próprios de desenvolvimento e consciência de negritude" (*DA*, n. 533).

Diferente das desigualdades em outras épocas históricas, hoje nos damos conta de que a desigualdade é estrutural, ou seja, é parte integrante do sistema econômico vigente e hegemônico. O neoliberalismo é um sistema econômico perverso que abriga no seu interior a desigualdade permanente como mola propulsora do consumo. A economia neoliberal, na verdade, transformou o mundo de hoje em refém de um sistema de crédito extorsivo e espoliativo. "É urgente criar estruturas que consolidem uma ordem social, econômica e política na qual não haja iniqüidade e onde haja possibilidades para todos" (*DA*, n. 384).

A consciência crescente sobre a importância imprescindível do meio ambiente nos dá a convicção de que é impossível falar das questões sociais sem falar das questões ambientais. O alerta sobre o aquecimento global e suas imediatas conseqüências tem mostrado a ação predatória do ser humano em detrimento da natureza. Também aqui há um paradoxo brutal. Os chefes das nações falam enfaticamente no desenvolvimento sustentável, mas incentivam o consumo como grande utopia.

Contaminação das águas, desmatamento generalizado das grandes e pequenas reservas florestais, destruição de biomas irrecuperáveis, detritos de toda sorte jogados ao mar, nos rios, na natureza em geral, poluindo a terra, as águas e o ar, comprometendo todo o ecossistema. A maior vítima de tudo isto é o ser humano. O índio reclama o sagrado direito de cultuar a terra-mãe contra a investida dos desmatadores e mineradores vorazes. Os sem-terra lutam por um pequeno espaço onde possam viver com os seus. As ocupações forjam a tão desejada reforma agrária.

A VRC, fiel à sua vocação, sente-se impelida a somar esforços no afrontamento das questões sociais e ambientais. E o faz de maneira concreta e testemunhal através do seu engajamento nas periferias, do trabalho com as mulheres marginalizadas e nas diversas situações, no acolhimento à população de rua, na caminhada com os migrantes, sendo solidária com os sem-terra, sem-teto e com todos os que

aspiram por dignidade. Não indiferente tem sido, hoje, em toda a sua história, o apreço da VRC para com a natureza. Aliás, a mística da Vida Religiosa consagrou a natureza como sendo um dos lugares prediletos da revelação divina. Entretanto, é preciso ir além. Nem sempre as estruturas e os serviços oferecidos pelas instituições religiosas estão à altura das demandas existentes.

Vivemos em novos espaços em transformação, é preciso, portanto, nova audácia evangélica e fundacional.

> A Vida Consagrada não pode alhear-se das grandes preocupações e tarefas da Igreja na preservação dos altos valores da natureza e da consciência, segundo o Evangelho, no mundo de hoje. A causa da paz e da justiça, a defesa da vida, o cumprimento da lei moral gravada na consciência humana, a salvaguarda da criação, são todos valores que, na sua raiz humana e evangélica, devem ser defendidos e promovidos (*VC*, n. 44).

Inserção nos meios populares

A CRB-Nacional tem trabalhado o *Programa sobre a Vida Religiosa e a Inserção em Meios Populares e Novos Espaços de Presença Solidária*. O desenvolvimento do Programa gerou, mesmo, uma pesquisa sobre a inserção da Vida Religiosa hoje. São dados atuais e, portanto, nos parecem oportunos e apropriados para a reflexão sobre o tema.

A prioridade apresentada pela assembléia da CRB não faz indagações sobre a inserção, mas parte da convicção de que é preciso fortalecê-la. Supõe-se que esteja carente de fortalecimento. De fato, a pesquisa realizada constata "que houve uma 'freada' dos Institutos Religiosos em relação à inserção" (*PIVR*, p. 20).

Em que pesem as dificuldades sobre a inserção da Vida Religiosa nos dias de hoje, a pesquisa constata que as comunidades inseridas em meios populares constituem

> um rico fermento no meio dos pobres; um sinal visível da opção da VRC pelos(as) empobrecidos(as) e excluídos(as); uma forma

> efetiva de solidariedade; uma comprovação de que a inserção não foi uma onda que passou, ela continua sendo uma forma peculiar, privilegiada, de dar visibilidade à encarnação de Deus no meio dos pobres (Id.).

Um dos grandes problemas evidenciados pela pesquisa diz respeito à falta de adesão das novas gerações de religiosos à inserção.

> A grande maioria das(os) religiosas(os) que estão nas comunidades inseridas em meios populares ou em outros espaços de presença solidária estão acima de 60 anos [...]. Há pouquíssima entrada da VR jovem na inserção e uma lacuna significativa na geração dos 40 aos 50 anos de idade. As justificativas para a não-inserção da VR jovem são múltiplas. Entre elas sobressaem "as grandes influências do sistema neoliberal: o consumismo, o bem-estar e o individualismo que seduz e condiciona a juventude na busca de segurança no já instituído" (Id. pp. 20-21).

Diante de um quadro onde a realidade da inserção mostra resultados e lacunas, o apelo da prioridade é no sentido de

> convocar a Vida Religiosa Consagrada para o resgate criativo da inserção em meios populares e em novos espaços de presença solidária numa renovada opção pelo povo empobrecido e excluído, nos diferentes contextos sociais, em fidelidade ao seguimento de Jesus Cristo e aos carismas fundacionais (Id. p. 17).

Novos espaços de solidariedade e cidadania

Os tempos que vivemos estão marcados por grandes ambigüidades. Ao mesmo tempo que nos colocam desafios, por vezes insuperáveis, abrem-nos também novas possibilidades. É o que ocorre, por exemplo, com algumas categorias ensejadas em novas práticas. Solidariedade e cidadania são aquisições relevantes no decurso da história, sobretudo na modernidade. Hoje, é importante retomar este binômio e repensá-lo à luz dos novos espaços em transformação.

Na encíclica sobre a solicitude social da Igreja, o papa João Paulo II retoma o tema da solidariedade e enfatiza a sua eficácia para os dias de hoje. De acordo com o papa, solidariedade é mais do que uma ajuda eventual ou uma ação caritativa esporádica. Trata-se de algo substancial, capaz de transformar a realidade de miséria em horizontes de esperanças. A solidariedade envolve práticas humanitárias, políticas e econômicas (*SRS*, n. 23).

As ações em prol da superação das dívidas externas dos países pobres, sem dúvida, caracterizam-se pela solidariedade. As ações solidárias, na verdade, vão desde as celebrações de acordos bilaterais entre as nações até as práticas comunitárias.

Economia solidária, agricultura solidária, empreendimentos solidários, são algumas das experiências vigentes nos dias de hoje. É importante salientar que na atualidade as ações solidárias encontram nas "redes" um valiosíssimo instrumento para a sua consecução. Afinal, o conceito de rede está fundamentado na prática solidária.

O conceito de rede transformou-se, nas últimas décadas, em uma alternativa prática de organização, possibilitando processos capazes de responder às demandas de flexibilidade, conectividade e descentralização das esferas contemporâneas de atuação e articulação social. Na verdade, as redes são sistemas organizacionais capazes de reunir indivíduos e instituições, de forma democrática e participativa, em torno de objetivos e temáticas comuns.

Por mais diversas que sejam as organizações e suas causas, elas têm em comum o propósito de estender suas ações e idéias a um universo sempre mais amplo de interlocutores: beneficiários, parceiros, financiadores, voluntários, colaboradores etc. Para isso, precisam contar com meios adequados para desenvolvimento de fluxos de informação, gerenciamento organizacional e comunicação institucional. As redes são meios eficazes para a realização de transformações sociais. Experiências têm demonstrado as vantagens e os resultados de ações articuladas e projetos desenvolvidos em parceria.

A VRC, ao reafirmar seu compromisso no serviço à vida, contempla os novos espaços e entende que a solidariedade é um dos instrumentos fundamentais na superação dos grandes desafios.

Na história recente da VRC, sobretudo no Brasil, a solidariedade tem sido uma das práticas efetivas. Os programas intercongregacionais expressam relações de solidariedade entre as diversas congregações e institutos. Não somente *ad intra*, mas sobretudo *ad extra*, a Vida Religiosa tem manifestado a sua atuação solidária. Ação que vai desde projetos vivenciados com as populações ribeirinhas até a ação solidária profética na defesa dos sem-terra e do meio ambiente na atitude heróica da irmã Doroty. Muitos projetos, nas mais diversas áreas de atuação, são proporcionados pela ação solidária de religiosos e religiosas. Nesta área as possibilidades são imensas e o apelo à VRC são constantes.

A cidadania, por sua vez, é um outro tema de grande incidência e que apela também para a participação da VRC. Não há verdadeira democracia sem efetiva cidadania. Na Vida Religiosa, é necessário passar de uma postura meramente caritativa ou mesmo assistencialista no relacionamento com as pessoas e comunidades para uma relação efetivamente cidadã. Nesse sentido, a história dos institutos religiosos, sobretudo aqueles fundados a partir do século XIX, trazem uma rica experiência de formação para a cidadania. As escolas profissionais, os institutos de aprendizado, a formação da juventude em geral, têm por objetivo a cidadania. No século XX, de modo especial, foi marcante o crescimento da consciência política como expressão de cidadania.

A questão da cidadania é, na verdade, um desafio tanto para fora como para dentro da Vida Religiosa. Mesmo tendo as suas referências próprias, nos últimos tempos, os religiosos e as religiosas não prescindem dos seus direitos de cidadania, ao contrário, cada vez mais atestam não haver contradição entre o seu estado de vida e os valores da condição cidadã. A crise atual da Vida Religiosa, certamente, tem a ver também com as exigências da cidadania.

Concluindo

A bem da verdade, não se trata de conclusão, mas de começo. Estas breves considerações sobre a prioridade número 1 do Quadro Programático da CRB (2007-2010) têm por objetivo estimular a leitura individual, e sobretudo comunitária, da proposta elaborada na XXI Assembléia Geral. Aliás, para melhor compreensão, cada prioridade deve ser aprofundada dentro do conjunto das cinco prioridades. Elas mostram as preocupações da VRC e confirmam os seus compromissos na busca de ações que possam concretizar os anseios manifestados. Por certo, os conteúdos expressos na primeira e nas demais prioridades não se esgotam no triênio. Eles fazem parte da ação permanente da Vida Religiosa. Entretanto, o que se quer, neste tempo de "profundas transformações e grandes desafios", é conclamar toda a VRC para que avance e responda aos desafios.

A leitura das prioridades supõe a assimilação do "horizonte". Sem os elementos indicativos do horizonte as prioridades careceriam de fundamentos e de sentido. Os religiosos e as religiosas que estavam reunidos na Assembléia, isentos de ilusões, apontam para um horizonte com grandes desafios em face das profundas transformações que envolvem a humanidade. Entretanto, o olhar é de esperança e de absoluta confiança na Palavra de Deus, que diz a esta geração: "Avance!"

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

"Os religiosos não têm o direito de acomodar-se enquanto estas vozes continuarem chamando."

1. Como eu e minha comunidade sentimos estas vozes ecoando dentro de nós? Qual tem sido nossa ação em defesa dessas vidas?
2. A que compromissos o "Horizonte" e as "Prioridades" da XXI Assembléia nos provocam?

Como dinamizar a formação diante da mudança de época?

Moacir Casagrande, ofmcap*

Há mais de uma década soa aos nossos ouvidos o refrão: "mais que numa época de mudança, estamos numa mudança de época". A assembléia da Conferência dos Religiosos do Brasil, realizada em São Paulo em julho de 2007, assumiu isso como um dado de fato. Estamos, sim, numa mudança de época e precisamos buscar elementos que nos favoreçam uma nova formação para a Vida Religiosa Consagrada. A prioridade diz: "Dinamizar a formação inicial e continuada, diante da mudança de época, de forma integral, humanizante e geradora de novas relações". Teço aqui, despretensiosamente, algumas considerações a respeito da prioridade.

Dinamizar a formação

A Assembléia de julho de 2004 já se havia dado conta de que a formação necessitava de cuidados especiais e colocou como prioridade investir na dinamização dos processos formativos. O fato de o assunto ter sido retomado em 2007 revela, ao mesmo tempo, a importância e a complexidade do tema. Porque o assunto é desafiante, é urgente aventurar-se na busca de pistas que ofereçam alternativas viáveis.

Quando se pede para dinamizar algo, é porque se sente falta de vitalidade. Sente-se, no caso, que a formação não está correspondendo às exigências dos tempos atuais. Na verdade, a formação para a Vida Religiosa Consagrada é um processo. Processo tem gradualidade, seqüenciamento, amplitude, profundidade, densidade, com uma carga sem-

* **Frei Moacir Casagrande** é membro da Equipe de Reflexão Bíblica – CRB-Nacional e membro do Conselho Superior – CRB-Nacional. **Endereço do autor:** SAGS Q. 906, conjunto D, cep 70390-060, Brasília-DF. Tel.: (61) 3443-1223. E-mail: frmoacasa@terra.com.br.

pre nova de significado. Exige uma contínua disponibilidade em aprender. Queremos dinamizar a formação nos moldes que estão aí ou queremos descobrir um novo jeito de formar? É possível dinamizar esse modo de formar? A julgar pela insistência da Assembléia sobre o tema, parece que precisamos criar um jeito leve, coerente e criativo, que favoreça e impulsione os agentes — formandos(as) e formadores(as) — no processo. Para dinamizar é preciso recuperar a centralidade da pessoa do(a) formando(a) na relação com a pessoa de Jesus Cristo.

Constatamos que algo não está bem. Parece que se dá mais importância às etapas estabelecidas do que à existência ou não de dinamismo interior nas pessoas. Cumprir etapas não é garantia de boa formação. Formar para a vida não é a mesma coisa que formar para uma profissão. Fala-se muito de formação personalizada, mas tem-se dificuldade de colocar isso em prática. É no acompanhamento personalizado que se pode dar consistência ao processo. Para dinamizar é necessário priorizar, simplificar e focalizar. O foco não está nas etapas que a pessoa supera, mas na pessoa que faz o processo.

A formação que se preze precisa trabalhar, ao mesmo tempo, o pensar, o querer e o crer de modo a tornar o(a) formando(a) protagonista de seu processo, oferecendo-lhe referenciais para que possa localizar-se contextualizadamente no tempo, no espaço, no senso das coisas e na experiência de relações humanizadas.

Dinamizar não é só dar mobilidade, mas qualificar o movimento, de modo a fortalecer, aprofundar, ampliar e alimentar a vida no processo. Dinamizar é energizar, dar vida. Tanto na teologia quanto na espiritualidade, a *dínamis* caracteriza a presença do Espírito, a certeza de sua ação. A *dínamis* prova que há vida, expressa vitalidade. Dinamizar é fazer caminhar, dar passos, vencer espaço e tempo, conceitos e preconceitos, mergulhar, transpor culturas e práticas. Dizendo de outro modo: dinamizar é destravar, remover obstáculos que impedem mobilidade, agilidade e atualidade.

A força dinamizadora está localizada sempre à frente do processo que empreendemos. Ela é desejo, sonho, objetivo e meta. Ela é o que chamamos de mística. Isso tudo produz motivação e a motivação multiplica a força interior das pessoas. Dinamizar a formação é capacitar para confrontar acontecimento e ideologia desenvolvendo uma saudável consciência crítica e um profundo sentido de compaixão, transpor os desafios que se apresentam, protagonizar a história e transcendê-la.

Um desejo profundo, forte e vigoroso dá forças para enfrentar os desafios e criar novas realidades ou transformar as atuais. Desejos fracos e descrenças geram inanição, imobilismo, fatalismo, autojustificação, busca de instrumentos de fuga e, na melhor das hipóteses, geram imitação.

Dinamizar é ungir, lubrificar, dar asas, mas é também aprofundar, prospectar, fundamentar, construir bases para dar saltos seguros. Precisamos de asas e pés, ou, como diz um pensamento semita, "precisamos dar aos nossos filhos raízes e asas". Trabalhar equilibradamente essas duas realidades. Crescer em fundamentação e em amplitude. Quanto mais alto alguém quer chegar, mais fundamentado precisa estar. O vôo precisa de rumo, de meta, mas o rumo precisa de vôo para ser atingido.

Novidade nem sempre é dinamismo

A sociedade atual criou e injetou na humanidade a idéia de que a felicidade está na novidade. Todos, em maior ou menor grau, somos atingidos por isso, mas as pessoas mais vulneráveis são os jovens. Tomados por tal mentalidade, têm dificuldade de lidar com a profundidade e trazem dentro de si uma forte tendência a delegar responsabilidade. Gostam muito dos bônus, mas sem arcar com o ônus. São os outros que lhes devem proporcionar, oferecer, fazer, criar a felicidade. Estão altamente centrados na usofruição desvinculada da criação. Outros criam, eles usufruem. Mas o dinamismo na formação não é para o consumo e sim para a criatividade, para fazer nascer, desde dentro de si mesmo, a força que mantém a vida em sua versão mais original.

Essa prática é agravada pela incapacidade de esperar, de dar tempo ao tempo, com paciência, respeitar os ritmos da vida e andar em sintonia com eles. O tempo parece resumir-se, cada vez mais, em presente e... somente presente. É bem verdade que Jesus, segundo os evangelistas Mateus e Lucas,[1] diz para nos ocuparmos com o hoje e não nos preocuparmos com o dia de amanhã. Mas, segundo eles, a ocupação do hoje tem uma prioridade absoluta: buscar o Reino de Deus e a sua justiça. Dessa busca deriva tudo o mais que for necessário.[2] Quando o eterno entra na história, o passado e o futuro convergem, tranqüilamente, no presente.

O ritmo da vida, na verdade, foi quebrado e fragmentado pelos interesses alheios ao projeto do Reino apresentado por Jesus. Segue em acelerado descompasso com a realidade. As quebras foram feitas em nome do progresso, da evolução, mas são uma faca de dois gumes: enquanto trazem benefícios em alguns campos, multiplicam problemas em muitos outros. Ninguém consegue criar um ritmo que garanta sintonia e sincronia entre o físico e o biológico, o psíquico e o afetivo, a sociedade e a política, o intelectivo e o espiritual. A ciência não dá conta de fazer crescer o ser, em todos os aspectos, em todas as dimensões, equilibrada e convenientemente.

Que queremos realmente?

A VRC precisa fazer uma escolha clara e investir nela com determinação. A VRC quer dinamizar o processo formativo em vista de quê? Que é que não está bem? Que é que se julga estar bem? Não será o paradigma de "bem" que precisa ser mudado? O "bem" que se busca é o "bem" de que se necessita?

É necessário divisar horizontes que encantem, que sejam próximos, viáveis e que não se pareçam muito com utopias. Pois, hoje, quase ninguém está disposto a investir mais e esperar um tempo relativamente maior para obter e usufruir resultados. O que há três décadas levava a dispor a própria vida, hoje não leva mais. As propostas de doar a vida em favor de outros podem até ser admiradas, mas assim: como

1. Mt 6,25-34; Lc 12,22-31.
2. Mt 6,33.

um extraterrestre que não se valoriza ou não sabe o que é incorporar sensações e capitalizar o próprio corpo. A prioridade na cultura atual não é o bem do outro, mas o bem próprio.

A formação precisa de rumo e dinamismo para atingi-lo. A informação anda em velocidade espantosa e está provado que informar não é igual a formar. Há pessoas empanturradas de informações sem capacitação para uma seleção crítica, assimilação adequada e ação convincente. É urgente lançar mão de meios adequados de formação.

Os instrumentos que usamos favorecem uma elaboração de sentido e significado vivencial nas pessoas que participam do processo formativo? Parece que não. Os resultados apelam para mudanças.

Na formação, de que estamos falando, trata-se de construir[3] pessoas e caminhos. Pessoas humanas em caminhos humanizados e humanizantes. Não se trata de qualquer pessoa nem de qualquer jeito. Há uma antropologia, uma filosofia, uma teologia, uma sociologia, uma psicologia, uma política, uma metodologia e uma espiritualidade coerente. Trata-se de construir pessoas e caminhos integrados. Pessoas identificadas, integradas, situadas e qualificadas em suas vocações. Não é possível contribuir com a pluralidade sem identidade. A pessoa precisa de identidade e integralidade para ser capaz de relativizar, precisa de identidade para ser saudável, precisa ser respeitada em sua individualidade, também, para respeitar as outras. Para viver no relativismo é necessário abdicar da identidade, mas isso significa desintegração e desumanização.

Estamos desafiados a investir ampla e profundamente na descoberta e no potenciamento da identidade de cada formando(a) para que possa estabelecer relações verdadeiras, sadias, edificantes com as outras pessoas e outros seres, mas acima de tudo consigo mesmo(a). É cada vez maior o número de pessoas que se descaracterizam em sua identidade. Investem tanto na maquiagem da imagem que perdem o referencial original.

3. Na verdade, ninguém constrói alguém se não encontra sintonia na pessoa com a qual se relaciona, mas as pessoas podem ter profunda influência no processo de amadurecimento da personalidade.

Formar em mudança de época

Quando um sistema[4] se renova, mas continua dominando, temos uma época de mudança. Quando o sistema que domina enfraquece, perde seu espaço, é suplantado por outro, temos, então, uma mudança de época.

Quando as pessoas se cansam de um sistema, põem sua rebeldia e criatividade em funcionamento e, por ela, são propostos novos paradigmas.[5] Os franceses, por exemplo, cansados da monarquia, tomaram a Bastilha e proclamaram uma sociedade de pessoas livres, fraternas e iguais.[6] Esse modo de ver as pessoas e a sociedade provocou a busca de alternativas para acabar com a divisão social entre escravos e livres, pois todos são livres. Tal mentalidade levou à invenção de instrumentos mecânicos para substituir a força humana no trabalho.[7] O uso da máquina favoreceu o surgimento da indústria e influenciou grandemente a mentalidade predominantemente agrícola. A mudança do modo agrário para o modo industrial de viver pode ser chamada de mudança de época.

O aperfeiçoamento das máquinas dentro da lógica de sua criação traz mudanças dentro do mesmo paradigma chamado industrial. Então, podemos falar de época de mudanças.

Dentro da Igreja, por exemplo, podemos dizer que o Concílio Ecumênico Vaticano II significou ou marcou uma mudança de época. Para muitos, a abertura para uma nova visão de mundo e de Deus trazida pelo Concílio foi um terremoto, mas para muitos outros significou libertação. Com o Concílio, a Vida Religiosa Consagrada também passou de uma vocação voltada para a auto-santificação para uma vocação disposta à evangelização dos povos e à salvação da humanidade, mas, passados quarenta anos, parece que "o meio de campo embolou". O interesse pelo bem dos outros cedeu lugar, novamente, para o interesse próprio.

Novos paradigmas

A mudança de época se caracteriza por uma mudança de paradigma que afeta todas as instâncias da vida humana e

4. Sistema é um conjunto de elementos interconectados harmonicamente de modo a formar um todo organizado. Cada sistema é organizado em torno de um paradigma.

5. Paradigma é modelo, padrão. Uma organização se cria em tono de um modelo, isto é, um modo de ver, sentir, pensar e orientar a vida.

6. A Revolução Francesa aconteceu entre 5.5.1789 e 9.11.1799.

7. Lembrando que a Revolução Industrial começou na Inglaterra na segunda metade do século XVIII.

tudo o que está a ela relacionado. Não é uma coisa que mudou, é o modo de ver, entender, interpretar, intervir e lidar com a realidade que mudou. No período da transição, o modo dominante de interpretar e intervir na realidade perde força para outro que ainda não se estabeleceu totalmente, gerando uma instabilidade e deixando, às vezes, muita gente meio perdida. Há vezes em que coexistem vários paradigmas, várias mentalidades, ao mesmo tempo. Numa mesma sociedade e até numa mesma comunidade as pessoas podem ser formadas, influenciadas, optar por paradigmas diferentes e, por conta disso, encontrar-se em freqüentes conflitos.[8]

Crises de coerência e de correspondência

O fenômeno da mudança de época explica a crise de percepção que fragmenta a consistência interna de modos de interpretação. Isso tem a ver com o que chamamos de coerência ou incoerência. Mas a mudança de época também explica a razão da vulnerabilidade de nossas instituições, que fragmenta a consistência externa entre os modos de intervenção e o contexto de suas aplicações e implicações. Isso tem a ver com o que chamamos de correspondência.[9]

a) A coerência diz respeito ao grau de consistência interna de um conjunto de regras. Quando uma organização é conduzida por pessoas de diferentes mentalidades, cria discrepâncias na lógica interna de seu processo, o que pode levar à falência. Mas quando as mesmas pessoas conseguem cultivar um diálogo que ajude a descobrirem juntas o melhor caminho a trilhar, conseguem ótimos resultados para todo o conjunto.

   A questão da coerência também diz respeito ao indivíduo. Quando uma pessoa é tomada por pensamentos divergentes e não consegue elaborar uma lógica interna, caminha por conveniência e não por convicção, é chamada de incoerente. Na verdade, é necessário verificar a partir de que ponto de vista ela é chamada de incoerente. Em tempos passados usava-se a lógica como una. A pessoa tinha de escolher uma linha e manter-se

8. Algo comum em nossas comunidades religiosas é o conflito de convivência entre pessoas com mentalidades rurais e urbanas ou de pessoas de mentalidade consumista junto com pessoas com formação para a solidariedade.

9. Ver: SILVA, José de Souza. *A mudança de época em um contexto global cambiante*. Disponível em: <http://www.saberinovar.com.br/fibra/docs/AMudancadeEpocaeoContextoGlobaCambiante.pdf>. Acesso em: 13.6.2008.

nela. A pessoa tinha de escolher, entre as várias possibilidades de orientação, uma só. "Não podeis servir a dois senhores."[10] Hoje, as pessoas querem poder escolher uma linha e passar de uma para a outra e depois voltar à primeira e, não raramente, conduzir dois ou mais modos de vida ao mesmo tempo, vendo isso não como incoerência, mas como abertura à conveniência do momento. Para explicar essa realidade diz-se que é como andar com um pé em cada canoa.

Isso acontece porque da centralidade do servido passou-se para a centralidade do servidor. O que importa, mesmo, não é agradar a quem sirvo, mas agradar a mim mesmo.

Decidir algo para sempre é loucura. As coisas mudam muito rapidamente e ninguém é louco de fechar-se a novas possibilidades. A incoerência enfraquece qualquer causa e inviabiliza qualquer projeto.

A questão que se coloca é: como as nossas instituições (institutos, congregações, ordens) lidam com isso?

b) A correspondência diz respeito ao grau de consistência externa entre dois ou mais conjuntos de regras.[11] Uma organização pode estar muito bem internamente, mas não estar em correspondência com as outras. Isso pode levá-la à decadência. A coerência precisa de correspondência para configurar-se em realidade satisfatória. Por outro lado, diz-se que a correspondência precisa da coerência para estabelecer-se. As campanhas de fidelização que as empresas estão fazendo têm esse foco. As fidelizações são feitas sobre vantagens que a empresa oferece ao cliente. Isso segura o cliente. Mas *vantagens* mesmo é a empresa que tem. Como é o trabalho de fidelização dos membros de nossas congregações? Qual é a base dele? Como uma pessoa que está acostumada a buscar vantagens para si pode passar de consumidora a promotora? Pior ainda quando as práticas de nosso processo formativo favorecem o egocentramento individualista dos membros.

10. Mt 6,24: ninguém pode servir a dois senhores ao mesmo tempo porque sempre vai deixar um deles insatisfeito.

11. Segundo José de Souza Silva, art. cit., uma instituição se torna vulnerável quando o conjunto dominante de regras do jogo do desenvolvimento (visão de mundo, valores, crenças, premissas, conceitos, enfoques, teorias, modelos, paradigmas, objetivos, políticas, prioridades, estratégias etc.) entra em crise de legitimidade.

Para vinho novo, barris novos[12]

"Toda época histórica constrói uma espécie de lentes culturais, através das quais os atores sociais interpretam a realidade para compreendê-la e intervêm sobre ela para transformá-la."[13] Cada época tem seu paradigma e seu sistema próprio de técnicas, leis e organizações que dominam sobre outros sistemas. De acordo com o sociólogo espanhol Manuel Castells, uma época histórica muda quando são transformadas, de forma qualitativa e simultânea, as relações de produção e de poder, a experiência humana e a cultura dominante.[14]

Conforme o que acabamos de ver, a questão recai sobre as relações estabelecidas entre quem produz e quem governa, a experiência e o cultivo dos usos, costumes e tradições. Isso exige a capacitação para relações múltiplas nem sempre fáceis. Há pessoas que caem num egocentrismo ou perdem o eixo. Para uma sociedade que privilegia as relações é necessário desenvolver toda uma capacidade de acolher e responder a estímulos, de criar, consumir e partilhar sensações.

Novas percepções levam à descoberta de novos instrumentos, mas instrumentos novos fazem perceber novidades na mesma realidade em que se convivia há mais tempo. Parece que era disso que Jesus estava falando quando disse: "Para vinho novo, barris novos". Novas realidades exigem, sem dúvida, estruturas e organizações que lhes correspondam, mas também exigem coerência entre o passado e o presente com perspectivas de futuro. Ser novo não significa corresponder às necessidades do tempo, assim como ser velho não significa estar defasado. O desafio está em possibilitar a qualificação de ambas as partes no estabelecimento de relações.

Com a presença de Jesus a época mudou. Ele apresentou novo paradigma, até hoje não bem assimilado nem pelos que se dizem seus seguidores. Eis algumas expressões características do paradigma dele: "Eu não vim para ser servido, mas para servir".[15] "Quem quiser ser o maior, que seja o servidor de todos,"[16] "Quem quiser salvar sua vida a perderá; e quem

12. Esta expressão de Jesus, relatada por Mc 2,22, quer acentuar a necessidade de novas estruturas para novas realidades. Continua muito iluminadora.

13. SILVA, José de Souza. Art. cit.

14. Id. ibid. p. 6.

15. Cf. Mc 10,45ss.

16. Cf. Mc 9,35.

perder sua vida por causa de mim a encontrará",[17] "Amai os vossos inimigos e orai por aqueles que vos perseguem!"[18]. O desafio está lançado há mais de dois mil anos, falta adesão.

Odiar o inimigo é de uma época antiga que ainda não passou, mas amar o inimigo é de uma época nova que não se configurou. Todos conhecem, muitos admiram e uns poucos praticam.

Como a mudança de época influencia na realidade atual?

O que estamos sentindo hoje não começou hoje, vem desde a década de 1960, mas hoje é dominante, se impõe e nos obriga a rever nossos paradigmas.

Diz-se que a atual mudança de época se deve aos efeitos cruzados de três revoluções: a tecnológica, a econômica e a sociocultural. Essas revoluções criaram um mundo qualitativamente diferente, mas não necessariamente melhor.[19]

a) A revolução tecnológica trouxe a visão cibernética do mundo. Essa revolução fez do mundo uma máquina complexa, sofisticada e auto-regulada. A dimensão microeletrônica e a natureza digital desta revolução comprimem o tempo histórico e desmaterializam o espaço geográfico. A cibernética permite à pessoa chegar e estar em muitos lugares ao mesmo tempo e num piscar de olho. A informação passa a ser mercadoria, dando origem à indústria da informação. Criam-se espaços inteligentes, armas, brinquedos e máquinas inteligentes, livros virtuais, terrorismo cibernético, onde não se considera a importância e talvez nem a existência da dimensão humana, social e ecológica da realidade.[20]

   Os conectados não têm mais problema de tempo nem de espaço. Criam o fantástico mundo virtual e, encantados por ele, não conseguem mais voltar ao real. Quando voltam, não conseguem interagir nele.

   Aquilo que uma pessoa demorou uma vida inteira para adquirir pode, agora, ser acessado em um segundo e confrontado imediatamente. A pessoa tem à disposição

17. Mt 16,25.

18. Mt 5,44.

19. SILVA, José de Souza. Art. cit.

20. Id., ibid. pp. 6-7.

milhares de informações ao mesmo tempo e nos mais diferentes modelos. Falta tempo para pensar, para processar, discernir, internalizar, humanizar etc. Confunde-se o espaço virtual com o real e já não se sabe o que realmente é protagonismo transformador.

b) A revolução econômica trouxe uma visão do mundo como um grande mercado, onde tudo é negociável. A demanda é que regula as relações. Essa visão de mundo faz prevalecer as transações comerciais sobre as relações humanas, sociais e ambientais. Importa e prevalece a relação que dá lucro de acordo com o sistema. No começo, o capitalismo controlava os meios de produção, depois passou a controlar a oferta dos produtos e agora controla os consumidores.[21] A humanidade está assistindo a uma das incursões mais assustadora do capitalismo, cujas prioridades mais recentes incluem a mercantilização das emoções e experiências humanas.[22] O capitalismo, com a informática, determina o fim da *era da posse* e o início da *era do acesso*.[23] No paradigma anterior, pregava-se o direito de propriedade. Hoje, prega-se o direito de acesso.

Todos querem acesso a tudo. Os sem condições desejam, os bem equipados gozam. Com o acesso não se cria um novo corpo, mas um novo modo de relacionar-se entre os corpos. Cada um fica disponível para migrar a qualquer hora para qualquer lugar, onde lhe for feita uma oferta mais conveniente. Essa revolução "coisifica" tudo. O que se faz com as coisas se faz igualmente com as pessoas. Nessa mentalidade o maior patrimônio que a pessoa tem é seu corpo e o melhor investimento é o que é feito nele.

Há todo um sistema, uma indústria montada para agregar valor ao corpo, particularmente no sentido de agregar beleza e garantir juventude. Isso bate de frente com o paradigma ascético do desprezo do corpo, mas também com o paradigma cristão da doação do corpo. Como vou doar o maior e melhor capital que tenho? Que força pode levar-me a isso? Tal realidade precisa ser muito

21. No capitalismo, as pessoas são vistas somente como exercitadoras de papéis econômicos: provedoras, produtoras, processadoras, vendedoras, clientes, competidoras, investidoras etc.

22. É só assistir a um *Big Brother Brasil* e muitos outros programas da televisão brasileira, mas também muitas celebrações religiosas de uma variedade de práticas religiosas.

23. SILVA, José de Souza. Art. cit.

bem trabalhada sob pena de anular todo o investimento no formativo para a VRC.

c) A revolução cultural trouxe a visão contextual de mundo. Ela se preocupa com o desenvolvimento sustentável, que estabelece a cultura do cuidado e convida a importar-se com a existência dos outros.[24] Esta visão quer fazer prevalecer as relações entre todos os seres com suas múltiplas dimensões.

As mudanças em marcha na dimensão cultural são diversas e controvertidas, podendo dissolver fronteiras e divisões entre diferentes culturas, promover enriquecedores encontros entre várias culturas e até criar uma rejeição cultural pela tentativa de homogeneizar as culturas. Ao mesmo tempo que prega a queda das barreiras entre povos e o respeito à diversidade, não sabe interagir respeitando as diferenças.

Está em formação uma *cultura da realidade virtual*, em torno da qual nasce a *geração ponto-com*.[25] Para essa geração o que não se manifesta em alguma tela não existe, não é verdade ou não é importante. A humanidade experimenta a formação de uma cultura visual global, onde tudo se transforma em mercadoria cultural. Tudo (religião, política, turismo, esporte, guerra etc.) é vendido, comprado e assistido como espetáculo. É impressionante, por exemplo, a necessidade de fazer fotografias de tudo e por tudo, em quantidade. Elas invadem as telas dos computadores, compõem DVDs, estão por toda a parte. Não é raro encontrar pessoas por um bom tempo admirando-se e extasiando-se com seu corpo na tela.

Um problema do mundo virtual é o excessivo valor dado à imagem que se cria, independente da realidade que se vive, da capacidade que se tem, da vida que se leva e da verdade que se acredita, pois aí não existem elementos substanciosos com valores duradouros. Tudo é flexível, vulnerável e descartável.

Como formar para cuidar do outro uma pessoa que está inteiramente ocupada com a própria imagem?

24. Id., ibid.
25. Ibid.

A palavra dos pastores

Para os bispos da América Latina, "vivemos uma mudança de época, e seu nível mais profundo é o cultural".[26] Essa cultura se caracteriza pela auto-referência do indivíduo. Verifica-se, massivamente, uma espécie de nova colonização cultural: imposição de culturas artificiais, desprezo pelas culturas locais, homogeneização da cultura.[27] Introduz-se na sociedade um sentido estético, uma visão de felicidade, uma percepção da realidade e uma linguagem que se querem impor como verdadeira cultura.[28] Segundo os bispos, essa mudança está dissolvendo a concepção integral do ser humano e de suas relações com o mundo e com Deus. Há uma supervalorização da subjetividade individual. Cada um torna-se o deus de si mesmo. O individualismo enfraquece os vínculos comunitários e propõe uma radical transformação do tempo e do espaço, dando papel primordial à imaginação. Deixa-se de lado a preocupação pelo bem comum para dar lugar à realização imediata dos desejos dos indivíduos, à criação de novos e muitas vezes arbitrários direitos individuais.[29]

"Os povos da América Latina e do Caribe vivem, hoje, uma realidade marcada por grandes mudanças que afetam profundamente suas vidas."[30] A novidade dessas mudanças é que elas têm alcance global, afetam o mundo inteiro. Um fator determinante dessas mudanças é a ciência aliada à tecnologia, com sua capacidade de manipular até a própria vida. Esse fenômeno traz conseqüências em todos os campos da atividade social, impactando a cultura, a economia, a política, as ciências, a educação, o esporte, as artes e também a religião.[31]

As novas gerações são as mais afetadas por essa cultura do consumo em suas aspirações pessoais e profundas. Crescem na lógica do individualismo pragmático e narcisista, que desperta nelas mundos imaginários especiais de liberdade e igualdade. Afirmam o presente porque o passado perdeu sentido e o futuro é incerto. Participam da lógica da vida como espetáculo, considerando o corpo como ponto de referência de sua realidade presente.[32]

26. *Documento de Aparecida*, n. 44.
27. Id. n. 46.
28. Id. n. 45.
29. Id., ibid.
30. Id. n. 33.
31. Id. nn. 34-35.
32. Id. n. 51.

É dessa realidade e também de pessoas que vêm dessa realidade que a Vida Religiosa Consagrada do Brasil está sendo chamada a formar. É para oferecer vida, e vida em abundância,[33] que a formação existe.

Formação inicial e continuada

As congregações deram-se conta de que a *formação inicial* tem muito a ver com a *continuada*. O que está acontecendo em muitos lugares é que os(as) formandos(as) iniciais fazem o caminho bastante tranqüilo até o noviciado. Durante o tempo de juniorado vêm as turbulências e acabam por desistir. Há quem diga que isso acontece por que o processo foi malfeito ou porque a pessoa não quer nada com compromissos sérios. Pode ser verdade, mas, certamente, não é tudo.

Constata-se cada vez mais claramente que a *formação inicial* é muito artificial. Criam-se casas de formação, bem organizadas, protegidas e acompanhadas, para dar início a uma caminhada de consagração que não corresponde à realidade para a qual os formandos devem ser enviados. As pessoas que hoje nos procuram já não são tão jovens assim. A maioria delas já teve outras experiências de vida, mas acabam sendo superprotegidas e tratadas de modo bastante infantil. Colocadas a serviço de uma estrutura e uma organização que não correspondem ao tempo, as casas de formação não favorecem a formação de pessoas criativas e construtoras de uma história que seja, ao mesmo tempo, recheada de fidelidade, coerência e generosidade.

A formação para a Vida Consagrada precisa ser desafiadora. Seja o tempo que for, consagrar-se é, sempre, capacitar-se para doar-se sem reservas. Quem não quer ou não é capaz de fazer isso, é porque ainda não encontrou o sentido profundo, o espírito daquilo que busca, ou anda enganado em sua busca.

O referencial único de toda a Vida Consagrada é Jesus de Nazaré. Ele formou seus discípulos pelos caminhos da Judéia, da Samaria e da Galiléia, ofereceu experiências de-

33. Cf. Jo 10,10.

safiantes, testemunhos estonteantes, e provocou decisões radicais.[34] É necessário formar para o Reino de Deus no meio do mundo, em constante confronto com os desafios que ele traz. Por isso a rua é o ambiente mais propício para a formação do(a) consagrado(a) e do(a) missionário(a). É ali que se testa, cotidianamente, a fidelidade e a generosidade que habita cada um.

Por outro lado, muitas vezes, a pessoa, depois de fazer a primeira profissão, vai para uma experiência fora da casa de formação, junto a outros religiosos ou religiosas que já têm mais tempo de profissão e que estão engajados em uma ou muitas atividades, ditas missionárias ou apostólicas. Os tempos de oração e convivência, vividos na casa de formação, caem por terra. A assistência do(a) formador(a) não é presente nem constante. A visão da pessoa que chega é diferente da que já está. Ela foi preparada para pôr em prática as teorias que aprendeu e vê que na prática a teoria é outra. Às vezes, os(as) religiosos(as) de mais tempo lhes dizem: "Ah! Isso é fervor de noviciado, logo tudo passa e você cai na realidade". Outras vezes, a pessoa recém-chegada é vista como uma intrusa, uma concorrente, alguém que vem atrapalhar o mundinho ou o ninho já feito pelas que estão.

Assim, com uma acomodação no trabalho pessoal, um ativismo no campo apostólico e um exagerado "tarefismo", a formação continuada, na verdade, não é continuada e torna-se uma pedra de tropeço para a formação inicial. O dinamismo fica centrado nas atividades que a pessoa exerce e não nas atitudes que a pessoa cultiva, isto é, centra-se na função e não na vida, deixando de ser o que deve ser "um itinerário de progressiva assimilação aos sentimentos de Cristo em sua relação para com o Pai".[35]

A distância entre o modo de ver, pensar e agir, em cada geração, está cada vez maior. É uma realidade natural, não fácil de superar para quem não se esforça para isso. O diálogo é possível, mas exige abertura e disponibilidade de todos(as) os(as) implicados(as) para caminhar. Um futuro promissor exige que não nos acomodemos, não nos apeguemos e nem nos fixemos no presente.

34. É o que nos informa o evangelista João, quando Jesus exige que comam a sua carne e bebam o seu sangue. Muitos desistem de andar com ele. Ele se volta para os Doze e diz: "Vós também quereis ir embora?" Não abre mão de algumas exigências, mesmo que lhe custe o esvaziamento do discipulado. Cf. Jo 6,60-67.

35. CENCINI, Amedeo. *O respiro da vida*. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 31.

A vida não se confunde com os meios que utilizamos, as estruturas que criamos, as práticas que repetimos ou as obras que fazemos. A vida de nossos(as) fundadores(as) começou a ser outra a partir do momento em que foram tomados(as) por Jesus Cristo na totalidade de sua existência.

A construção comum do sentido da VRC exige de todos nós recuperarmos o verdadeiro sentido da tradição viva, transmitida de geração em geração até hoje, e, por isso mesmo, uma interação e um diálogo entre as diversas gerações.[36] Precisamos aprender a fazer, com graça e entusiasmo, o revezamento do bastão na jornada que estamos empreendendo.

Formação integral

Formação integral é a que consegue unir e comungar toda a realidade da pessoa no pensar, no sentir e no atuar, de forma coerente, dinâmica e progressivamente plenificante. É a que leva a pessoa a caminhar com serenidade no tempo e assumir a realidade do presente com perspectivas e prospectivas. A formação integral tem a ver, também, com o sentido de espaço e tempo, realidades que se mostram cada vez mais desafiadoras no processo de humanização.

As pessoas precisam crescer integralmente, em sabedoria, estatura e graça, diante de Deus, mas também diante da humanidade. Sabedoria, estatura, idade e graça são elementos constitutivos de um corpo que precisa ser cuidado em seu todo, estabelecendo relação com outros corpos. As relações estabelecidas e vividas nas mais diferentes dimensões de nosso ser é que possibilitam superar as tendências contraditórias que nos habitam. A capacidade de controlar os instintos de possuir, de submeter e de gozar é a direção que nos sinaliza o relato das tentações sofridas e superadas por Jesus. Isso tudo aponta para uma travessia básica. Passar do processo de apropriação ou capitalização da própria vida, cuja expressão maior é o corpo, para a capacitação de doação do mesmo de modo totalmente gratuito.[37] Mas também a capacidade de desenvolver e potencializar os dons e virtudes que existem dentro de si mesmo.

36. PALÁCIO, Carlos. *Vida Religiosa e novas gerações*. Aparecida: CRB-Santuário, 2007. p. 31.

37. CRB. *Corpos solidários em tempos de travessia:* uma leitura de Lucas em perspectiva de corporeidade. Rio de Janeiro: CRB, 2008. p. 25.

O golpe de mestre da mentalidade cientificista capitalista foi fragmentar a pessoa humana e todas as coisas e colocar a dimensão espiritual como um dos fragmentos. Descobriu a realidade multidimensional da pessoa. Começou a tratar cada dimensão por si, de forma particular: o lado físico, o psíquico, o afetivo, o racional, o espiritual etc. Foi assim que se aprendeu a tratar a doença e ignorar o doente. É assim que se age quando se trata o problema da pessoa e não a pessoa que tem o problema. É assim que acontece quando se trabalha a formação da pessoa sem conhecer a pessoa que está em formação e sem fazer o trabalho de passagem do contexto de origem para o contexto atual da formação. Os resultados não correspondem quando certos elementos são deixados de lado, ignorados ou desprezados.

A fragmentação tem o objetivo de oferecer profundidade, especialidade, conhecimento, mas o dinamismo interior de um ser complexo não é o simples resultado da soma das partes. Daí a importância de um trabalho integrativo, de um método que consiga considerar as realidades conjuntamente. Qual seria o ponto em torno do qual todas as realidades humanas congregariam? Considero que seja a dimensão espiritual.

A integralidade da formação para a VRC exige um investimento profundo em espiritualidade, isto é, em sentido profundo de viver, ser e fazer. Na verdade, a espiritualidade não é uma peça a mais, necessária para compor a pessoa em sua inteireza. A espiritualidade é o sangue, a seiva que perpassa todas as dimensões da pessoa humana. Ela é que tem o poder de ligar, integrar, interagir, inteirar as mais divergentes realidades ou partes. Não é à toa que os fundadores insistiram tanto na relação com Deus, legando-nos uma herança rica de significados.

Os exercícios espirituais, as fórmulas, os horários e as práticas de oração que foram criados queriam favorecer o investimento na dimensão integrativa da pessoa do melhor modo possível. Infelizmente, para muitos, degenerou num ativismo "tarefeiro" e o cultivo da dimensão espiritual passou a ser apenas mais uma entre as tantas tarefas do dia. Não

temos dúvida acerca da urgência de uma formação integral e temos a certeza de que tal formação passa por uma redescoberta do sentido profundo da presença do Espírito na vida de cada pessoa, que leva, por sua vez, a abrir-se a todos os seres com serenidade e veneração.

Tudo o que fazemos precisa estar marcado pelo que somos e expressar um tanto do que somos, mas o que fazemos não esgota e nem pode esgotar o que somos. A espiritualidade, na verdade, constitui um modo de ser e de viver que se expressa no fazer.

É necessário transformar o passado, transpô-lo, para que não impeça ou prejudique o presente. Não se trata de ignorá-lo nem de menosprezá-lo, o que não pode acontecer é agarrar-nos a ele. O presente precisa ser inoculado para que o futuro seja formado.

Precisamos assumir as marcas do tempo e da história com maturidade e prosseguir com um olhar iluminado, rumo ao horizonte escolhido, vivendo sempre mais com esperança do que com saudade. A formação integral necessita de um trabalho multidisciplinar e multivivencial, no qual se reflete o experimentado e se experimenta o estudado.

Qual é o referencial que satisfaz e congrega todas as dimensões das necessidades humanas?

Formação humanizante

Que caracteriza a humanização? Que vem a ser uma formação humanizante? Alguém disse que o que diferenciava o ser humano de outros seres era a capacidade de pensar, raciocinar. Outro disse que o humano se expressa na capacidade política,[38] isto é, de organizar a convivência. Para outros, o que caracteriza a ser humano é a capacidade de amar gratuitamente. Há, porém, quem diga que amor gratuito só é atributo do ser divinizado. Para Jesus de Nazaré a meta do humano é: "Como eu vos amei, assim também vós deveis amar-vos uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois os meus discípulos: se vos amardes uns aos outros".[39]

38. Segundo Aristóteles, o ser humano é um animal naturalmente social, isto é, político, capaz de estabelecer relações e necessitado delas. Assim, além da racionalidade, a relacionalidade compõe a dimensão humanizante.

39. Jo 13,34-35.

Que significa formação humanizada no mundo em que as pessoas são submissas às máquinas? Num mundo onde as relações comerciais prevalecem sobre tudo? Que significa humanizar num mundo onde o que vale é lucrar, tirar vantagem? Onde as pessoas têm os nomes substituídos por números e valem menos do que as coisas que elas possuem?

Do ponto de vista cristão, humanizar é conformar com o Homem, Jesus de Nazaré. Segundo ele, não é suficiente assumir a condição humana, é necessário revelar e desenvolver a graça que existe dentro dele. Humanizar é levar a pessoa a ser capaz de compaixão, cuidado, carinho, respeito, zelo para com os demais seres que povoam o universo e se constituem parceiros no barco da criação neste momento da história.

Valendo-nos da parábola do bom samaritano,[40] podemos dizer que humanizar é capacitar para a alteridade. A parábola nos mostra a desumanidade dos assaltantes. Assaltantes são os que vivem da exploração dos semelhantes. Mostra também a desumanidade do sacerdote e do levita. Não foram eles que assaltaram, roubaram e machucaram, mas tomaram distância de quem precisava ser ajudado. Mostra, por fim, a humanidade e a atitude humanizadora do viajante da Samaria.

Em que consiste a humanidade dele?

Consiste em deixar-se tomar pela dor e pelo sofrimento do homem caído, descer da montaria, aproximar-se, oferecer os primeiros socorros, colocá-lo na própria montaria, levá-lo à hospedaria, tomar, pessoalmente, conta dele até a hora da partida e ainda pagar quem trate do homem ferido até sua total recuperação. O viajante da Samaria é um humano humanizador, é alguém voltado para a realidade do outro e de suas necessidades. É alguém capaz de fazer prevalecer sobre si a prioridade do outro. Mas, segundo a parábola, isso concretiza o amor a Deus. Assim sendo, para humanizar é necessário crer em Deus, deixar que ele tome conta de nós e assumir a atitude dele. A prova da fé em Deus é o cuidado, a compaixão para com o necessitado.

40. Lc 10,30-37.

Na formação para a VRC, o processo de humanização é fundamental, já que a disponibilidade para atender os necessitados é meta da consagração. Certamente, não se atinge a meta só com algumas instruções e orações. É necessário exercício duro e constante para que se garanta o caminho e não se desvie dele, principalmente diante da fragmentação das pessoas e da pulverização da integridade dos indivíduos.

Formação geradora de novas relações[41]

Antes de mais nada, é importante ter claro que novas relações não são, necessariamente, melhores que as já existentes. Por isso é importante saber que relações queremos e empenharmo-nos para realizá-las.

Queremos relações modeladas no Evangelho, sem dominação ou subordinação, relações igualitárias, equânimes, fraterno-sororais. Relações que têm por fundamento o ensinamento de Jesus: "Quanto a vós, não vos façais chamar de 'rabi', pois um só é vosso Mestre e todos vós sóis irmãos".[42] Ele fez questão de deixar claro, diante dos discípulos confusos, qual era sua intenção, qual sua missão:

> Sabeis que os que são considerados chefes das nações as dominam, e os seus grandes fazem sentir seu poder. Entre vós não deve ser assim. Quem quiser ser o maior entre vós seja aquele que vos serve, e quem quiser ser o primeiro entre vós seja o escravo de todos. Pois o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida em resgate por muitos.[43]

É também fundamental para nós a orientação oferecida ao final da sua ceia de despedida: "Eu vos dou um novo mandamento, amais-vos uns aos outros como eu vos amei. Nisto reconhecerão que sois meus discípulos: no amor que tiverdes uns pelos outros".[44]

As pessoas consagradas são desafiadas a remodelar sua forma de lidar com a individualidade, a subjetividade, a corporeidade, a pluralidade. São desafiadas a testemunhar a qualidade evangélica de sua vida e missão e a se revelarem

41. CRB. *Reconstruir relações num mundo ferido*. Rio de Janeiro: CRB, 2006. pp. 40-42.

42. Mt 23,8.

43. Mc 10,42-45.

44. Jo 13,34-35.

como sacramento de novas relações,[45] isto é, relações que anunciem a grandeza do amor de Deus nesse tempo cheio de surpresas, onde possa prevalecer o zelo, o cuidado, o carinho para com a vida de todos. As relações precisam ser capazes de resgatar a verdade, a harmonia, a justiça e a paz.

O ambiente formativo

O ambiente que criamos tem significativa influência no processo que queremos fazer. Ele pode reforçar ou debilitar o processo. Por isso é necessário verificar com cuidado o modo como o organizamos, desde seu aspecto físico, programação, conteúdos etc. Se quisermos comunicação e comunhão, precisamos criar e distribuir tempos e espaços convergentes. Se quisermos contemplação e meditação, precisamos de quietude e silêncio. Se quisermos conhecimento e profundidade, precisamos de estudo e pesquisa etc.

A título de referência, citamos dois ambientes criados por duas grandes civilizações, cujas culturas continuam influenciando o mundo atual. Os romanos criavam arenas, investiam na formação de campões, de arenas. "Arena" é o espaço definido, limitado, construído para a competição, para a briga, de modo que se possa controlar tudo o mais eficientemente possível. Quem detém o poder dominante, controla a arena e as regras do jogo. Os romanos, ágeis na arte da guerra, eram especialistas em arenas.

Os gregos criavam mercados. Especialistas na arte da política e do negócio, investiam na ampliação do conhecimento, na arte de negociar e na capacitação para novas realidades. O mercado é chamado "ágora", espaço público onde cada indivíduo ou grupo chega e expõe seu produto, seus pensamentos e suas crenças. A permanência ou não no mercado depende da acolhida ou da capacidade que o expositor tem de despertar interesse nos visitantes. Na "ágora", quanto maior a diversidade, melhor para todos.

Depois de tanto tempo sabemos que os dois modelos têm suas vantagens e desvantagens e que nem a fusão dos dois pode trazer algo ótimo. Jesus de Nazaré[46] prega a irmanda-

45. CRB. *Reconstruir relações num mundo ferido*, cit., p. 18.

46. Cf. Mt 23,8-12.

de na liberdade e co-responsabilidade, nós nos autoproclamamos seguidores da proposta e da missão dele.

Como podemos caracterizar o ambiente formativo que criamos? Que objetivo temos com ele? Que relação existe entre o objetivo que temos e o ambiente que criamos?

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Queremos dinamizar a formação nos moldes que estão aí ou queremos descobrir um novo jeito de formar?
2. A VR quer dinamizar o processo formativo em vista de quê? Que é que não está bem? Que é que se julga estar bem? Não será o paradigma de "bem" que precisa ser mudado?
3. Como formar para cuidar do outro uma pessoa que está inteiramente ocupada com a própria imagem?

Pessoa e comunidade: desafios e convocações do personalismo contemporâneo

Cristiane Pieterzack, asf*

Considerações iniciais

Um pensamento personalista e comunitário causa estranheza em nosso tempo tanto quanto tempos atrás causou preocupação nos governos, o que indica estarmos novamente em época de opções.

Não é o caso de fazermos uma descrição cronológica, mas não podemos negar que constatamos uma inquietante crise social mais geral da cultura ocidental.

A miséria, a massificação, o domínio da natureza mediante a técnica, a racionalização de todos os âmbitos da vida denunciam cotidianamente a fraqueza do ser humano e a sua absurdidade. Desnorteado e sem apoios, o ser humano do século XXI sente-se perdido num universo que, a seus olhos, torna-se igualmente esmagador e insignificante. A sensação, como disseram alguns filósofos, é de que o "ser humano está só, lançado por aí, para nada, num mundo absurdo. Ele está sobrando, tudo está sobrando, a ponto de vos causar náuseas. Possui a vocação de tornar-se um Deus, mas consegui-lo é-lhe irrevogavelmente interditado".[1]

É preciso, portanto, fazer uma análise profunda e crítica de todos os aspectos, acentuando:

a) uma crítica à ideologia do isolamento, da defesa do eu, da liberdade polipotenciária e da concorrência doentia. Esse espírito levado ao extremo faz a pessoa tornar-se um nada para o outro;

b) uma crítica às reações massificadoras e manipuladoras da opinião pública. A reação contra o individualismo

* **Cristiane Pieterzack** é mestranda em Filosofia. **Endereço da autora:** Rua Querino Rigo, 207, cep 98900-000, Santa Rosa-RS. E-mail: socasf@uol.com.br.

1. MOUNIER, Emmanuel. *Sombras de medo sobre o século XX*. Rio de Janeiro: Agir, 1958. p. 25.

não pode ser uma reação contra a individualidade da pessoa;

c) uma crítica à omissão dos cristãos diante dos problemas da comunidade humana e, o que é pior e mais escandaloso, o seu comprometimento com as velhas teologias da retribuição (como se assiste em certos programas televisivos de cunho religioso) e do combate "ao inimigo", quase cedendo à tentação de dominar as consciências.

É preciso, ainda, que se reconheça a força da crítica, da verdadeira crítica. Aquela que, sem cair em contradição, não perde nunca a agudeza e não se deixa levar pela ingenuidade ou imparcialidade e, sobretudo, se nega a ver no adversário um inimigo. O ser humano, alvo ou não da crítica, pertencente a este ou àquele grupo, permanece sempre ser humano: *homo homini homo*, em contrapartida à definição de Thomas Hobbes: *homo homini lupus est*. Em nossa época o respeito necessita tornar-se o limite da crítica. E o limite é uma lei inviolável, "a lei da dignidade humana".[2]

O personalismo e sua presença no pensamento cristão

O personalismo, comumente caracterizado como uma corrente filosófica contemporânea que se desenvolveu principalmente na França em torno de Emmanuel Mounier, é, na realidade, todo pensamento que afirma o primado da pessoa humana sobre as necessidades materiais. Encontramos esse pensamento refletido sob suas mais diversas formas em vários documentos da Igreja e na vasta literatura do pós-Concílio Vaticano II. Trata-se de uma proposta que se contrapõe tanto ao individualismo quanto à nova forma de "coletivismo", a saber: uma sociedade que se comporta e age como uma sociedade de massa. À semelhança do antigo regime, essa espécie de coletivismo nega as diferenças e o caráter moral dos laços sociais, desencadeando uma "luta pelo reconhecimento recíproco", na qual prevalecem comportamentos negativos, tais como a humilhação, o desprezo e a violência, em todas as suas formas físicas e psicológicas.

2. MOIX, Candide. *O pensamento de Emmanuel Mounier*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968. p. 120.

A criação de laços políticos que façam dos seres humanos cidadãos de uma comunidade deve ser provocada não apenas pela preocupação da segurança e da defesa dos interesses particulares, mas por algo parecido a uma "amizade política", essencialmente pacífica.

É nesse sentido que o personalismo busca compreender o ser humano: não como simples indivíduo pronto para competir e vencer nem como uma totalidade sócio-econômico-religiosa. Os extremismos sempre impedem o desenvolvimento das personalidades individuais e complicam o futuro das comunidades.

Sob o ponto de vista das estruturas econômicas, a proposta do personalismo é uma inversão das leis da economia, ou seja, o capital deve estar a serviço da pessoa e não o contrário. Essa inversão só se realizará de fato quando se conseguir estabelecer:

a) o primado da liberdade de consumo;
b) o primado do trabalho sobre o capital;
c) o primado da responsabilidade pessoal sobre a estrutura econômica;
d) o primado do serviço social sobre o lucro; e, finalmente,
e) o primado dos organismos sobre os mecanismos.

Mas como fundar o primado da pessoa sobre toda ou qualquer estrutura sem cair no individualismo? Acontece que o personalismo funda a valorização plena da pessoa humana, enquanto centro e razão da comunidade, enquanto esta representa bem mais do que a sociedade em geral.

Para a sociedade em geral, a proposta personalista é a democracia e esse ponto merece um estudo à parte, sobretudo depois de alguns fatos que vêm ocorrendo aqui na América Latina e em alguns lugares da Europa.

No personalismo, a democracia é entendida como um regime que se apóia na responsabilidade e na organização funcional de todas as pessoas constituintes da comunidade social e não aquela democracia que, desviada desde a origem pelos seus primeiros ideólogos e depois sufocada pelo

mundo do dinheiro, jamais foi atuada nos fatos e menos ainda nos espíritos.

A democracia personalista — além de ser uma democracia econômica, como vimos — é uma "democracia espiritual". Em outras palavras: também é função do Estado proporcionar as condições necessárias para que cada um possa descobrir a sua vocação. Por vocação os personalistas entendem a condição de liberdade que "desperta" a pessoa e não simplesmente liberdade de concorrência e de iniciativa.

Aos cristãos, o personalismo propõe o reconhecimento da dimensão da "transcendência" e da "encarnação". Não é da condição humana a plenitude, por isso mesmo o ser humano aspira à plenitude do ser. As experiências-limite, como a dos místicos que padecem, até o desespero, o sabor do nada nos caminhos do Absoluto, lembram-nos tal condição. Percorrer esses caminhos, entretanto, não é uma decisão proveniente da razão ou da experiência. Os que percorrem, cristãos ou não, só o fazem guiados por uma fé que ultrapassa qualquer experiência. Por outro lado, no cristianismo a transcendência se encarna no universo das pessoas. O cristão, portanto, deve ser sensível à importância da encarnação e não desprezar as realizações históricas por causa de suas impurezas.

Finalmente, para que o espírito burguês não comprometa o futuro da religião cristã, o personalismo sublinha o caráter comunitário contra o intimismo e o individualismo religioso. Para os cristãos, o Projeto de Deus precisa ser, essencialmente, um projeto de comunhão-comunidade: "O Reino de Deus não está somente em nós, ele está entre nós". O cristianismo nasceu comunitário e, se quiser permanecer fiel às origens, não deverá viver como que em "outro mundo", "separado", como se não tivesse nenhuma proposta para os seus contemporâneos enfrentarem seus problemas e angústias. Sua proposta é a proposta evangélica, que, por si só, é revolucionária. "Aos cristãos, só pedimos que eles sejam eles mesmos. É verdade que esta é, sem dúvida, a revolução."[3]

3. MOUNIER, Emmanuel. In: MOIX, Candide. *O pensamento de Emmanuel Mounier*, cit., p. 87.

Revolução/reconciliação

Como entender, hoje, o sentido de "revolução". A partir do personalismo, podemos entender a revolução através da categoria da "crise" das estruturas, misturada com a crise espiritual, ou seja, a crise é, em última instância, a crise do ser humano, e sob esse aspecto é tanto ou mais perigosa para o ser humano do que a escassez de pão. "A crise espiritual é a crise do ser humano clássico europeu, nascido com o mundo burguês. Convenceu-se de que realizaria o animal racional com a razão triunfante a domesticar definitivamente a animalidade, e a felicidade a neutralizar as paixões."[4]

A Revolução Personalista e Comunitária é uma revolução espiritual.[5] Por isso, muito mais do que perspectivas de ação, possui linhas de convocação, de conduta, de resposta, de presença. Ela se dá, primeiramente, no nível pessoal, no nível das consciências, é luta não contra uma classe, mas contra um espírito. A Revolução Personalista é Comunitária, não comunista. O comunismo, é certo, lutou contra o espírito burguês, mas acabou golpeando também o ser humano. É nesse sentido que a Revolução Personalista é exemplo único na história de verdadeira reconciliação, em que a guerra contra os males não se transformou em luta contra a pessoa atingida por esses males.

Existe alternativa?

Quais seriam as "estratégias" dessa revolução/reconciliação? Afrontar, inventar, investir são, para o personalismo, as únicas saídas que desde as origens da vida podem sempre triunfar sobre a crise. Porém, uma saída significa sempre um desacomodamento, uma inadaptação, um movimento permanente de ir sempre mais longe. A imobilidade, a acomodação, o conformismo representam o início da decadência do ser humano.

O ponto de partida, o primeiro passo, o primeiro "ato revolucionário" e, talvez, o mais importante, é a revolução pessoal, que consiste na tomada de consciência de que precisamos lu-

4. Id. *O personalismo:* o tempo e o modo. Lisboa: Moraes, 1960. p. 165.

5. Por espiritual Mounier entendia a dimensão interior constituída de valores (espirituais) que precisam ser engajados (encarnados) na construção do mundo.

tar contra nossa "boa e tranqüila consciência", uma vez que somos todos responsáveis pela crise: quando a comunidade falha, todos nós falhamos com a comunidade. "A primeira tarefa revolucionária consiste em levar os indiferentes a uma tomada de consciência pessoal, não do mal em si mesmo, ou do mal público projetado diante deles, mas de sua própria participação no mal [...]. Esta é a primeira revolução,"[6] sem a qual as outras não passariam de comédia.

O personalismo no Documento de Aparecida: *a opção pela pessoa e a adesão à comunidade*

Jesus Cristo não se enquadra, evidentemente, em nenhum rótulo, para não dizer corrente filosófica. Revela, no entanto, para além de seu tempo e cultura, uma grande consciência personalista: importa-lhe a pessoa e sua dimensão relacional (comunitária), pois que, diante de toda e qualquer despersonalização, Jesus sempre ajuda a construir identidades integradas (cf. *Documento de Aparecida*, n. 110).

No *Documento de Aparecida*, notamos presente também o aspecto metodológico do personalismo, ou seja, o aspecto da tensão entre o engajamento nos acontecimentos e o afastamento necessário à reflexão. É o engajamento/afastamento que possibilita aos personalistas refletir sobre a vida sem separar-se dela, abordar a pessoa e ao mesmo tempo lutar por ela. De resto, como afirmou Mounier: "Ninguém trata objetivamente do ser humano".[7] É um método de diálogo com a pessoa e com os acontecimentos da comunidade humana, lugar do engajamento. Não é possível ser ao mesmo tempo personalista e indiferente.

Nessa tensão se dá o "despertar da pessoa", e sem o "despertar" não há adesão ou engajamento, nem mesmo do discípulo: "A admiração pela pessoa de Jesus Cristo, seu chamado e seu olhar de amor despertam uma resposta consciente e livre desde o mais íntimo do coração do discípulo, uma adesão de toda a sua pessoa [...]" (*Documento de Aparecida*, n. 136).

6. MOIX, Candide. *O pensamento de Emmanuel Mounier*, cit., p. 108.

7. MOUNIER, Emmanuel. *Trattato del carattere*. Alba: Paoline, 1949.

O problema do personalismo é de caráter histórico-sócio-cultural. Preocupa-se em colocar a dignidade do ser humano como "ponto de referência para uma transformação na concepção e nas estruturas sociais da convivência humana".[8] O mesmo caráter aparece no *Documento de Aparecida*, quando afirma que, se a pessoa humana e suas exigências fundamentais não constituírem o critério ético, a história, a cultura, a ciência e a tecnologia se voltarão contra o ser humano que as criou (n. 123).

Enfim, interessa-nos reforçar que o personalismo considera a noção de pessoa como a categoria filosófica essencial, o que significa tratar dos direitos humanos, das dimensões da afetividade, da corporalidade e questões de gênero, sua abertura intrínseca à transcendência e sua dimensão ética e solidária. Considera, ainda, o caráter relacional da pessoa, o que permitirá propor uma nova forma de relacionamento: a comunidade, que é também uma das dimensões constitutivas do acontecimento cristão.[9]

Considerações finais

O ser humano não cabe numa definição, porque ele não apenas é, como também está constantemente sendo e deixando de ser. O ser do ser humano não é imediatamente dado. Desenvolve-se progressivamente. Sozinho no mundo, "lançado por aí, para nada, num mundo absurdo",[10] sempre insatisfeito, precisa constituir-se e ultrapassar-se continuamente. O movimento pelo qual se constitui e se ultrapassa, por sua vez, apenas revela uma possibilidade dentre tantas outras, cuja efetivação se dá sempre num movimento de relação, o que significa que o ser humano não está mais só no mundo.

Ser-com-outras-pessoas no mundo pode, entretanto, levar-nos a velar com selvagem devoção nossos próprios interesses, muitas vezes numa competição desleal, porque concebida contra os demais, e não a favor de seu desenvolvimento. Logo, uma simples reunião física de pessoas não tem por que se identificar com o que chamamos de comunidade. O ca-

8. ZILLES, Urbano. *Visão personalista e evolucionista do homem*. Porto Alegre: Acadêmica, 1984. p. 5.

9. Cf. *Documento de Aparecida*, n. 156.

10. MOUNIER, Emmanuel. *Sombras de medo sobre o século XX*, cit. p. 25.

ráter diferenciador é que a vida em comunidade vem acompanhada de atos concretos de solidariedade e preocupação pelo destino dos outros. Nascemos seres humanos. Mas não nascemos pessoas. Tornamo-nos tais, em comunidade.

Precisa-se

De pessoas que tenham os pés na terra e a cabeça nas estrelas.

Capazes de sonhar sem ter medo dos sonhos.

Tão idealistas que transformem seus sonhos em metas.

Pessoas tão práticas que sejam capazes de transformar suas metas em realidade.

Pessoas determinadas que nunca abram mão de construir seus destinos e arquitetar suas vidas.

Que não temam mudanças e que saibam tirar proveito delas.

Que tornem seu trabalho objeto de prazer e uma porção substancial de realização pessoal.

Que percebam, na visão e na missão de suas vidas profissionais, de suas dedicações humanistas em prol da humanidade, um forte impulso para sua própria motivação.

Pessoas com dignidade, que se conduzam com coerência em seus discursos, seus atos, suas crenças e seus valores.

Precisa-se de pessoas que questionem, não pela simples contestação, mas pela necessidade íntima de só aplicar as melhores idéias.

Pessoas que mostrem sua face de parceiros legais sem mostrar-se superiores nem inferiores, mas iguais.

Precisa-se de pessoas ávidas por aprender e que se orgulhem de absorver o novo.

Pessoas de coragem para abrir caminhos, enfrentar desafios, criar soluções, correr riscos calculados, sem medo de errar.

Precisa-se de pessoas que construam suas equipes e se integrem nelas.

Que não tomem para si o poder, mas que saibam compartilhá-lo.

Pessoas que não se empolguem com seu próprio brilho, mas com o brilho do resultado alcançado em conjunto.

Precisa-se de pessoas que enxerguem as árvores, mas que também prestem atenção na magia das florestas.

Que tenham percepção do todo e da parte.

Seres humanos justos, que inspirem confiança e demonstrem confiança nos parceiros, estimulando-os, energizando-os, sem receio de que lhes façam sombra, mas orgulhando-se deles.

Precisa-se de pessoas que criem em torno de si um ambiente de entusiasmo, de liberdade, de responsabilidade, de determinação, de respeito e de amizade.

Precisa-se de seres racionais, tão racionais que compreendam que sua realização pessoal está atrelada à vazão de suas emoções.

É na emoção que encontramos a razão de viver.

Precisa-se de gente que saiba administrar *coisas* e liderar *pessoas*.

Precisa-se, urgentemente, de um novo ser.

Isaac Libermann

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Faz sentido perguntar como as pessoas se sentem hoje, em sua própria época?
2. Pessoa e comunidade: separação ou colaboração? Como propor, atualmente, a noção de pessoa e seu caráter comunitário?
3. Dado que o ser humano não cabe numa definição, como entender a noção de pessoa? Qual é o acesso à comunidade?
4. Vale a pena retomar a "Revolução Personalista e Comunitária"?

O apóstolo Paulo: os três relatos de sua conversão

Agenor Girardi, msc*

As duas solenidades de Paulo

No calendário litúrgico, encontramos duas festas dedicadas a Paulo, o grande missionário e teólogo cristão, também chamado de Apóstolo dos Gentios. No dia 25 de janeiro, celebramos-lhe a conversão. A festa foi instituída na Gália, no século VII, por ocasião da transladação de algumas relíquias dele. No final do século X, tal festa começou a fazer parte do calendário romano e, assim, passou a ser celebrada todos os anos na Igreja. No dia 29 de junho, porém, celebramos o martírio de Paulo, provavelmente pelo ano 67 de nossa era, sob a perseguição do imperador Nero, em Roma, na localidade denominada, hoje, Três Fontes.

Também em 29 de junho é celebrado o martírio de Pedro, que aconteceu, no ano 64, na Colina Vaticana. É uma solenidade bem antiga na Igreja, tendo sido inscrita no Santoral Romano bem antes da festa do Natal. No século IV, já era costume celebrar, neste dia, três missas: uma na Basílica do Vaticano, outra na Basílica de São Paulo Fora dos Muros e outra nas Catacumbas de São Sebastião, onde as relíquias dos dois apóstolos tiveram de ser escondidas por algum tempo para evitar a profanação.

Alguns dados sobre a vida de Paulo

As informações sobre a vida de Paulo se encontram nos Atos dos Apóstolos e nas cartas que ele mesmo escreveu. Nasceu pelo ano 10 da nossa era cristã, na cidade de Tarso, na região da Cilícia, na antiga Ásia Menor. Tarso era uma

* **Padre Agenor Girardi** é teólogo, mestre em Espiritualidade. Orientador de retiros, acompanha *novinter* e *juninter*. **Endereço do autor:** Rua União da Vitória, 272, Vila Nova, cep 85601-970, Francisco Beltrão-PR. Tel.: (46) 3524-4949.

colônia fenícia, às margens do rio Cidno, que se tornou um centro importante de cultura e foi a capital da província romana daquela região. Paulo a visitou após converter-se (At 9,30), e Barnabé o foi buscar lá, mais tarde, para levá-lo a Antioquia (At 11,25).

O cristianismo se estabeleceu em Tarso desde o primeiro século, provavelmente ainda na era apostólica. Através da Carta aos Filipenses, sabemos que Paulo é filho de judeus da tribo de Benjamim e cresceu à sombra da mais perfeita e rigorosa tradição judaica. Ele mesmo escreve sua autobiografia:

> [...] fui circuncidado no oitavo dia, sou da raça de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu filho de hebreus; quanto à observância da Lei, fariseu; no tocante ao zelo, perseguidor da igreja; quanto à justiça que vem da Lei, irrepreensível. Mas essas coisas, que eram ganhos para mim, considerei-as prejuízo por causa de Cristo (Fl 3,5-7).

O rigorismo da formação intelectual de Paulo

Jovem ainda, Paulo foi para Jerusalém, onde se especializou na Escola de Gamaliel, aquele que discursou e argumentou em favor dos apóstolos e cuja intervenção diante do sinédrio possibilitou a libertação deles, conforme At 5,34-42. Paulo foi formado nessa Escola rigorosa dos fariseus. De acordo com a tradição judaica, foi um dos mais inteligentes e célebres escribas do seu tempo. Na Escola de Gamaliel, Paulo tomou contato com a dialética, recurso que muito lhe ajudou mais tarde, em suas especulações teológicas e filosóficas, na difusão do Evangelho entre os judeus, gregos, romanos e gentios. Paulo, que ainda se chamava Saulo, tornou-se mestre e fariseu, um especialista fanático e escrupuloso no cumprimento de todas as leis judaicas e de seus pormenores. Ele mesmo diz:

> Eu sou judeu, nascido em Tarso da Cilícia, mas criado aqui nesta cidade. Como discípulo de Gamaliel, fui instruído em todo o

rigor da Lei de nossos antepassados e tornei-me zeloso da causa de Deus, como vós o sois hoje. Persegui até à morte os adeptos deste Caminho, prendendo homens e mulheres e lançando-os na prisão (At 22,3-4).

Os seguidores do "Caminho"

Em Atos dos Apóstolos Lucas descreve que Paulo procurava perseguir e acabar com todos os adeptos do "Caminho". Queria levar para Jerusalém e lá prender todos os homens e mulheres que estivessem seguindo o "Caminho de Jesus de Nazaré" (At 9,1-2). A referência, aqui, indica a perseguição aos seguidores da "nova doutrina" que estava, conforme ele acreditava, "contaminando a pureza da religião judaica". Assim Paulo pensava e assim agia, acreditando que estava fazendo um grande bem, defendendo a pureza da religião judaica. O próprio Jesus já tinha usado tal conceito para si mesmo ao afirmar: "Eu sou o Caminho..." (Jo 14,6). O "Caminho" designa a conduta da pessoa e da comunidade daqueles que seguem a Jesus ressuscitado. Paulo, na sua cegueira e fanatismo religioso, só pensava em perseguir os cristãos.

Será o principal responsável pela morte de Estêvão, o primeiro mártir da Igreja nascente, que revive o mesmo Caminho de Jesus. A morte de Estêvão é o estopim da perseguição, que agora se torna acirrada, penetrando nas casas, que era o lugar da reunião e da fração do pão, das comunidades primitivas. O ódio de Paulo contra os cristãos é grande. Sua fúria parece não ter fim. "[...] devastava a Igreja: entrava nas casas e arrastava para fora homens e mulheres, para atirá-los na prisão" (At 8,1-3).

O caminho para Damasco

Paulo conhecia bem a estrada para Damasco. Já havia passado por ela muitas vezes. A palavra "Damasco" significa, em hebraico, "habitação em região úmida". É uma cidade muito antiga, com muitos rios e irrigação muito boa, situada

na encruzilhada dos caminhos das caravanas, por isso mencionada muitas vezes no Antigo Testamento (por exemplo, em Jr 49,23-27. A conversão de Paulo é, sem dúvida, um dos mais importantes acontecimentos da Igreja nascente e perseguida. Pelo que tudo indica, sua conversão aconteceu entre os anos 32 e 36 da Era Cristã. O que podemos deduzir é que Paulo teria, no momento de sua conversão, em torno de 25 anos. É certo, também, que ele não conheceu Jesus pessoalmente. Sua experiência de Jesus começa no caminho de Jerusalém a Damasco. A conversão de Paulo é uma vitória de Jesus ressuscitado. Paulo escuta no seu interior: "Eu sou Jesus, a quem tu estás perseguindo" (At 9,5).

Os relatos da conversão de Paulo

Atos dos Apóstolos apresenta três relatos da conversão de Paulo (9,1-31; 22,1-30; 26,1-32). A iniciativa é sempre de Jesus. Paulo faz a maior descoberta de sua vida: Jesus, que foi crucificado, está vivo nos cristãos que ele persegue. O "homem forte" cai por terra. Precisa superar a sua cegueira. Durante três dias Paulo fica cego, sem comer e sem beber. É a experiência mais profunda de sua vida. O terceiro dia é um tempo simbólico. É uma referência direta à paixão, morte e ressurreição de Jesus. O primeiro apostolado de Paulo em Damasco, após receber o batismo, através de Ananias, será marcado por um testemunho corajoso, afirmando que Jesus é o Filho de Deus. Isso já teve um preço, pois de perseguidor ele passa agora a ser perseguido. Seu testemunho vai provocar uma reação violenta por parte dos seus ex-colegas de profissão.

Em Damasco os judeus tentam matá-lo. As portas da cidade estavam sendo vigiadas dia e noite. Os discípulos conseguem, à noite, fazer Paulo descer pelo muro da cidade dentro de uma cesta. Assim, chega a Jerusalém, agora como "novo discípulo" de Jesus. Ninguém acreditava. Paulo teve de superar a desconfiança da comunidade, da qual, agora, era membro. Todos tinham medo dele. Depois de encontrar as primeiras resistências em Jerusalém, Paulo volta para Tarso.

Evangelizar a partir dos fracassos

Não apenas os sucessos de Paulo são apresentados nas suas cartas e em Atos dos Apóstolos, mas também os seus mais trágicos erros e fracassos. O que Paulo fala de sua vida passada, antes de encontrar a Jesus no caminho para Damasco, mostra um homem profundamente agressivo e brutal. Ele não tinha aprendido, ainda, a arte de amar e as gentilezas humanas. As palavras perdão e misericórdia ainda não faziam parte do seu vocabulário. Nenhum outro discípulo teve em seu currículo de vida a fúria e a brutalidade que ele teve. Sua desumanidade não tinha limites. O maior apóstolo foi também o maior destruidor. É bem provável que o sofrimento que Paulo causou nos cristãos jamais tenha saído de sua memória. Ele mesmo fala que "recebeu um espinho na carne" (2Cor 12,7).

Essa provação constante ajudava Paulo a superar a soberba e o orgulho. Paulo se considerava o "menor de todos os santos" (Ef 3,8). Porém, sempre é possível integrar uma experiência negativa do passado e transformá-la em projeto novo de evangelização. Assim aconteceu com Paulo e pode acontecer com cada um de nós. Sempre é possível irrigar uma situação árida e transformá-la em jardim de vida, como Paulo fez.

Um amor incondicional a Jesus

Paulo foi o maior perseguidor dos cristãos, mas depois que se tornou um seguidor de Jesus foi o discípulo que pagou o preço mais alto para poder divulgar o Evangelho: "Ai de mim, se eu não anunciar o Evangelho" (1Cor 9,16). Os judeus nunca aceitaram seu novo modo de vida. Eles acusavam Paulo de ser o principal agitador da "seita dos nazarenos". Quando estava para ser morto, Paulo apelou para Roma, dizendo que era cidadão romano. Sendo assim, ele foi protegido pela lei romana, pois um cidadão romano jamais poderia ser julgado pelos judeus. Paulo passou quatro anos na prisão: dois em Cesaréia (At 24,27) e dois em Roma

(At 28,30). Depois, foi solto e viveu mais alguns anos livre, até a nova prisão, que o levou à morte. Como Paulo era cidadão romano, não podia ser crucificado, por isso foi morto pela espada. De dentro do cárcere continuava a evangelizar e a escrever às comunidades cristãs.

Treze cartas pastorais são atribuídas a Paulo, mais a Carta aos Hebreus, que é atribuída a um discípulo seu, embora com um estilo totalmente diferente das demais. A oratória de Paulo era fascinante. Mesmo quando não conseguia convencer os opositores, suas palavras os perturbavam. Ele aprendeu com Jesus a não ter medo do seu passado. Falava o que havia feito contra os cristãos. Aprendeu a arte da honestidade e da coerência.

Textos para oração

- At 9,1-31: De Saulo a Paulo: a primeira narrativa de sua conversão.
- At 22,1-30: Discurso de Paulo aos judeus de Jerusalém: a segunda narrativa.
- At 26,1-32: Discurso de Paulo diante do rei Agripa: a terceira narrativa.

CRB

Quadro Programático da CRB 2007-2010

HORIZONTE

Em meio às profundas transformações e grandes desafios que envolvem a humanidade hoje, ouvimos a Palavra de Deus que nos interpela: avancem (Ex 14,15). Acolhemos esta Palavra como discípulas e discípulos de Jesus Cristo, na mística da encarnação e no testemunho profético a serviço da vida, especialmente a dos pobres e excluídos, partilhando, com espírito missionário, a razão da nossa esperança (1Pd 3,15).

PRIORIDADES

1. Reafirmar o compromisso da VRC no serviço à vida, diante das grandes questões sociais e ambientais; e fortalecer a inserção nos meios populares e em novos espaços de solidariedade e cidadania.
2. Cultivar uma espiritualidade encarnada e profética, centrada na Palavra de Deus e na mística do discipulado, aberta à diversidade cultural, religiosa e de gênero.
3. Dinamizar a formação inicial e continuada diante da mudança de época, de forma integral, humanizante e geradora de novas relações.
4. Ampliar as alianças intercongregacionais, as redes e parcerias, na formação e na missão, e intensificar a partilha dos carismas com leigos e leigas.
5. Buscar novas formas de aproximação e presença junto às juventudes.